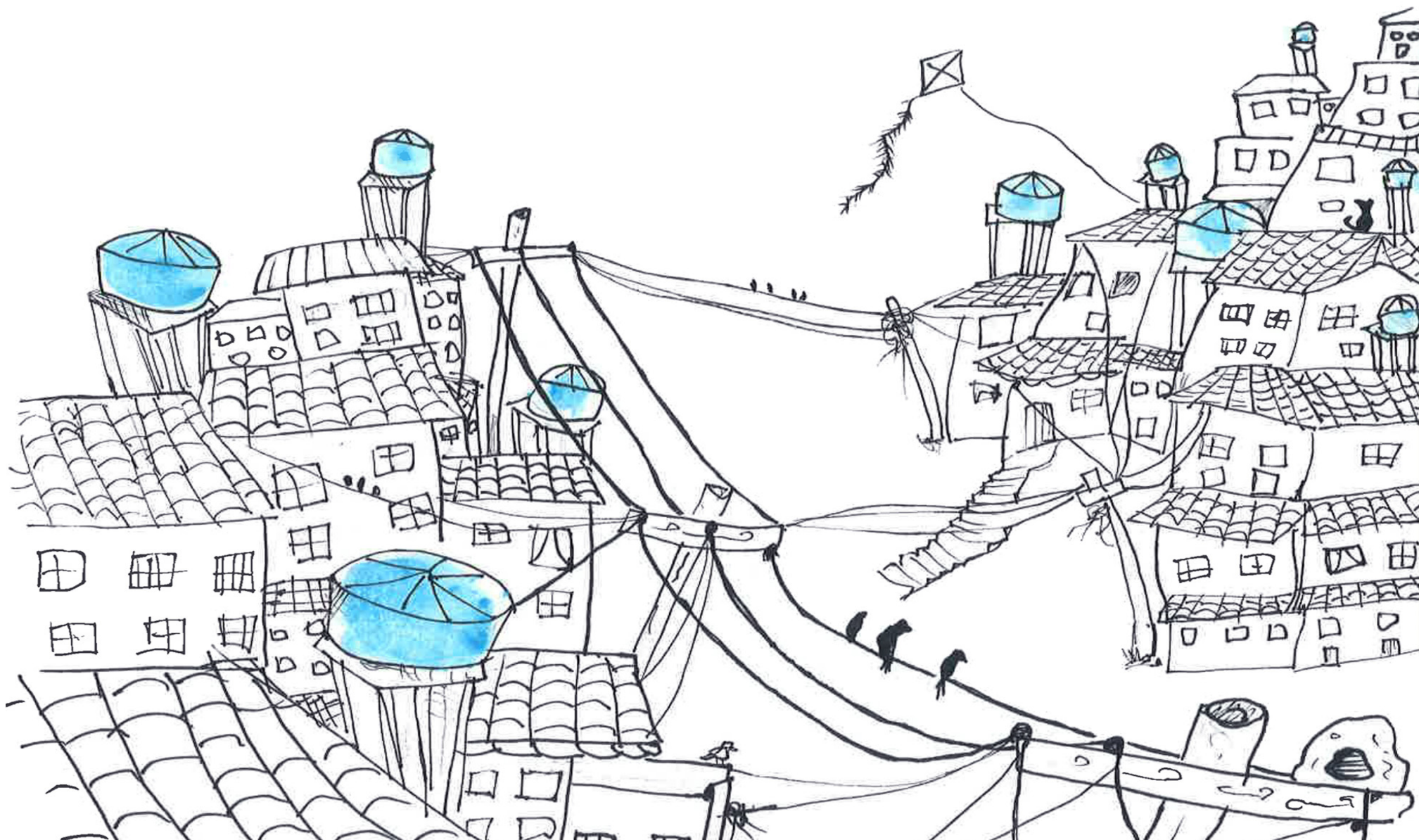


PÉ NA RUA

caminhando e cartografando na Ilha de Santa Catarina

Evandro Fiorin
Marina Biazotto Frascareli
Djonathan Freitas
Rafael Marcos Zatta Krahl
Lucas Rodrigo Nora
Kauê Marques Romão



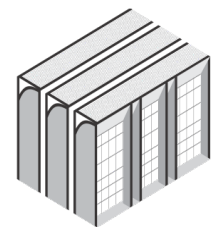
ORGANIZADORES:

Evandro Fiorin
Marina Biazotto Frascareli
Djonathan Freitas
Rafael Marcos Zatta Krahl
Lucas Rodrigo Nora
Kauê Marques Romão



PÉ NA RUA: caminhando e cartografando na Ilha de Santa Catarina

1ª Edição



PUBLICAÇÕES
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



Pós **ARQ**
UFSC



A R Q
U F S C
Arquitetura & Urbanismo
UFSC Publicações

2022

ARQUITETURA & URBANISMO/UFSC PUBLICAÇÕES

Departamento de Arquitetura e Urbanismo - CTC-UFSC
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Trindade - CP 470 - CEP 88040-970 - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.
Contato: (48)3721-9550/4766
<https://arq.ufsc.br/>
arq@contato.ufsc.br

Imagem de capa - Igor Lombardi
Imagem de contracapa - Ruth Kipper Aguilar
Revisão final - Lucas Rodrigo Nora
Editoração - Kauê Marques Romão
Diagramação - Marina Biazotto Frascareli, Rafael Marcos Zatta Krahl e Kauê Marques Romão

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

P349 Pé na rua [recurso eletrônico] : caminhando e cartografando na Ilha de Santa Catarina / organizadores, Evandro Fiorin ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Arquitetura & Urbanismo/UFSC, 2022.
90 p. : il. – (Espaço, Corpo, Movimento)

E-book (PDF)

ISBN 978-85-99773-04-8

1. Arquitetura – Santa Catarina, Ilha de (SC). 2. Urbanismo – Santa Catarina, Ilha de (SC). 3. Cartografia – Santa Catarina, Ilha de (SC).
I. Fiorin, Evandro. II. Série.

CDU: 72

COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dra. Lilian Amaral

Programa de Pós-Graduação em Direito Humanos, Diversidades e Outras Legitimidades / USP - Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Juliana Michaello Macedo Dias

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Hélio Hirao

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UNESP - Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Eduardo Rocha

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Ethel Pinheiro Santana

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura / UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rodrigo Gonçalves dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFSC

CHEFE:

Prof. Dr. Ricardo Socas Wiese

SUB-CHEFE:

Profa. Msc. Letícia Mattana

LDA - LABORATÓRIO DE DOCUMENTAÇÃO E ACERVO

SUPERVISOR:

Prof. Dr. Raphael Grazziano

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

COORDENADORA:

Profa. Dra. Máira Longhinotti Felipe

SUB-COORDENADOR:

Prof. Dr. Paolo Colosso

GRUPO DE PESQUISA DE PROJETO, PATRIMÔNIO, PERCEPÇÃO & PAISAGEM (CNpq)

LÍDER:

Prof. Dr. Evandro Fiorin

VICE-LÍDER:

Prof. Dr. João Paulo Schwerz

LABORATÓRIO DE PERCEPÇÃO URBANA

RESPONSÁVEL:

Prof. Dr. Evandro Fiorin

No morro o cachorro é manco e a cidade um camaleão

Este *e-book* se constitui como uma primeira contribuição da disciplina de pós-graduação: Percepção e Representação da Cidade, Paisagem & Território, sob a organização dos integrantes do Laboratório de Percepção Urbana, do Grupo de Pesquisa de Projeto, Patrimônio, Percepção e Paisagem, da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Florianópolis. Nesse sentido, não é uma coisa acabada, mas um registro de um processo que está em construção, do caminhar e cartografar a cidade. Assim, neste momento, apresenta algumas incursões a pé de um grupo de discentes junto com o docente, em alguns morros da Ilha de Santa Catarina, que foram feitas durante o ano de 2022.

Não há muito tempo atrás, a Ilha de Santa Catarina podia ser compreendida em duas porções, ou seja: a sua área central, onde teve origem o povoado de Nossa Senhora do Desterro e se manteve a concentração das atividades portuárias, comerciais e administrativas do Estado; e regiões interiores, onde predominavam as funções agrícolas e de pesca. Essas características estão marcadamente ligadas ao fluxo migratório de famílias vindas dos territórios portugueses do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira, povoadamentos que deixaram as marcas da sua cultura no território insular catarinense.

O fenômeno embrionário de sua metropolização veio com a ampliação da acessibilidade da região central e, também, dos seus núcleos isolados, além do estímulo das suas novas funções regionais, como sede de balneários e capital turística do cone Sul. O processo de modernização, incluindo as construções das pontes e os novos aterros solaparam antigas atividades industriais e comerciais que outrora estavam próximas à beira d'água, o que fez pulverizar a cidade em



Crédito fotográfico: Evandro Fiorin

locais distantes e demandar cada vez mais o seu sistema viário. A nova infraestrutura contribuiu também para aumentar os preços dos terrenos, expulsando as camadas mais desfavorecidas dos antigos locais que habitavam. Muitas famílias construíram seus casebres nas áreas mais impróprias à ocupação em Florianópolis, tal como os morros.

Desta maneira, nossa proposta de pesquisa-ação foi ir ao encontro destas territorialidades. Nesse sentido, subimos os Morros da Cruz, no centro da cidade de Florianópolis e o Monte Verde, um bairro na direção norte da Ilha de Santa Catarina, próximo à Rodovia SC-401. Juntos (professor e alunos) caminhamos e cartografamos a cidade que é construída pelos habitantes que vivem nesses morros da região insular. Uma paisagem que agora é percebida de perto, para estender novos olhares ao longe. Um território cheio de contrastes que revela muitas surpresas, porque possui uma inventividade que é muito própria, apenas descoberta e representada com o pé na rua, no encontro com o lugar e com os Outros (FOUCAULT, 1984).

Portanto, construímos este *e-book*, como um *continuum*, trabalho feito por várias mãos (e pés); platôs que revelam espaços/ corpos em movimento; daqueles que caminham e cartografam conjuntamente. Um procedimento metodológico que muda o tempo todo e nos surpreende a todo tempo. Nesse sentido, buscamos desvelar as singularidades desse olhar mutante do passante pela comunidade: no morro o cachorro é manco e a cidade um camaleão. Ao final, convidamos a Profa. Dra. Sandra Correa Favero da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, uma colega que trilha por caminhos análogos, para contribuir, com suas ideias, para o caminhar como criação artística na de Ilha de Santa Catarina. Um arquipélago de arquiteturas, que sempre estará por ser (re)-descoberto, por cada um que trilhar por estes caminhos.

Prof. Dr. Evandro Fiorin



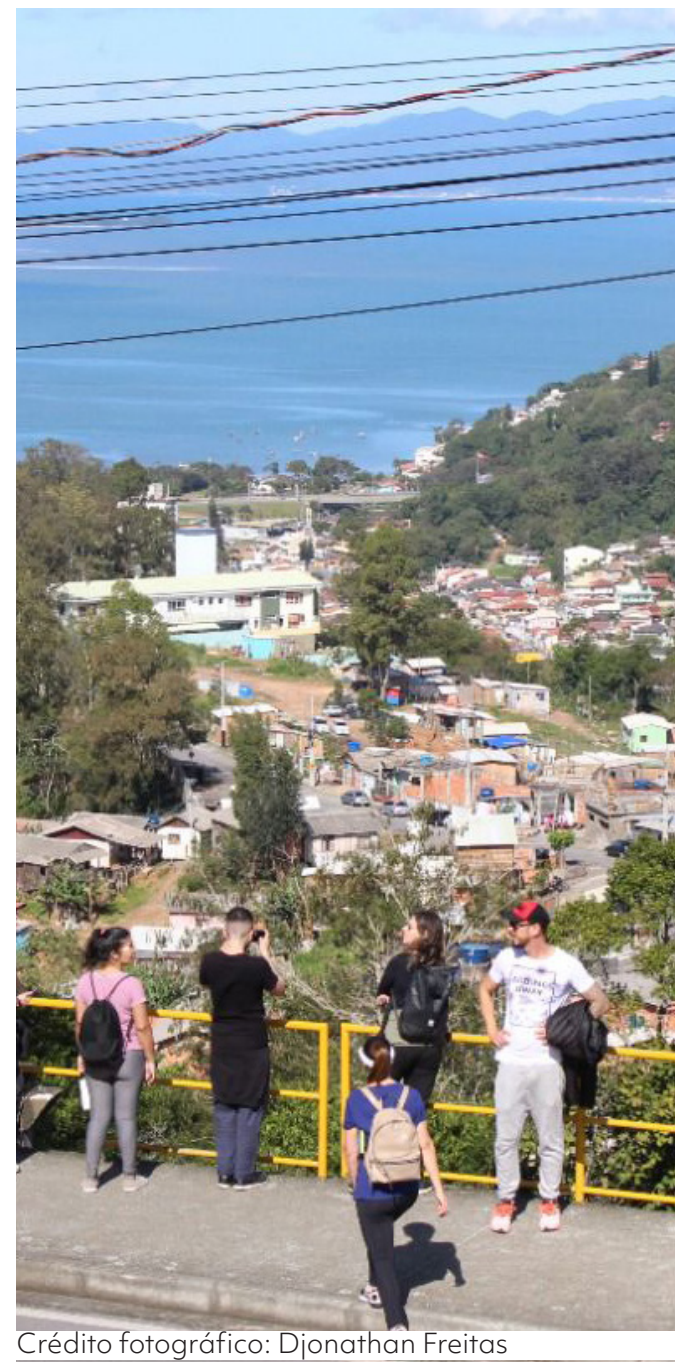
Crédito fotográfico: Evandro Fiorin

sumário

01 o viajante-caminhante	10
Rafael Marcos Zatta Krahl	
02 o lugar da resistência	16
Lucas Rodrigo Nora	
03 o walkscape do morro	24
Ernestina Rita Engel e Clerdine Luberisse	
04 a prática estética do caminhar na comunidade	30
Lara Lima Felisberto	
05 o grafite como manifestação política	34
Indiara Pinto Brezolin , Guilherme Costa e Jéssica Caroline Rodrigues	
06 o sentido comunitário	39
Andréia Grandi	
07 a topologia da favela	43
Bianca Carolina Pedrolo Henicka	
08 a caixa d'água e a fiação elétrica	48
Igor Lombardi	
09 a rua como quintal de casa	54
Kássia Lima Zanchett	
10 a transcaieira é o atalho	58
Simone Borges de Campos , Rachel Lopes Fernandes Fonseca e Djonathan Freitas	
11 a cidade-colagem na urbanização à margem	64
Otávio Martins Peres	
12 os passos para o desvio	70
Ruth Kipper Aguilar	
referências	74

bonus trekking

Caminhar e habitar como disparadores do processo de criação artística	78
Profa. Dra. Sandra Correia Favero	



Crédito fotográfico: Djonathan Freitas



01

Rafael Marcos Zatta Krahl

o viajante-caminhante

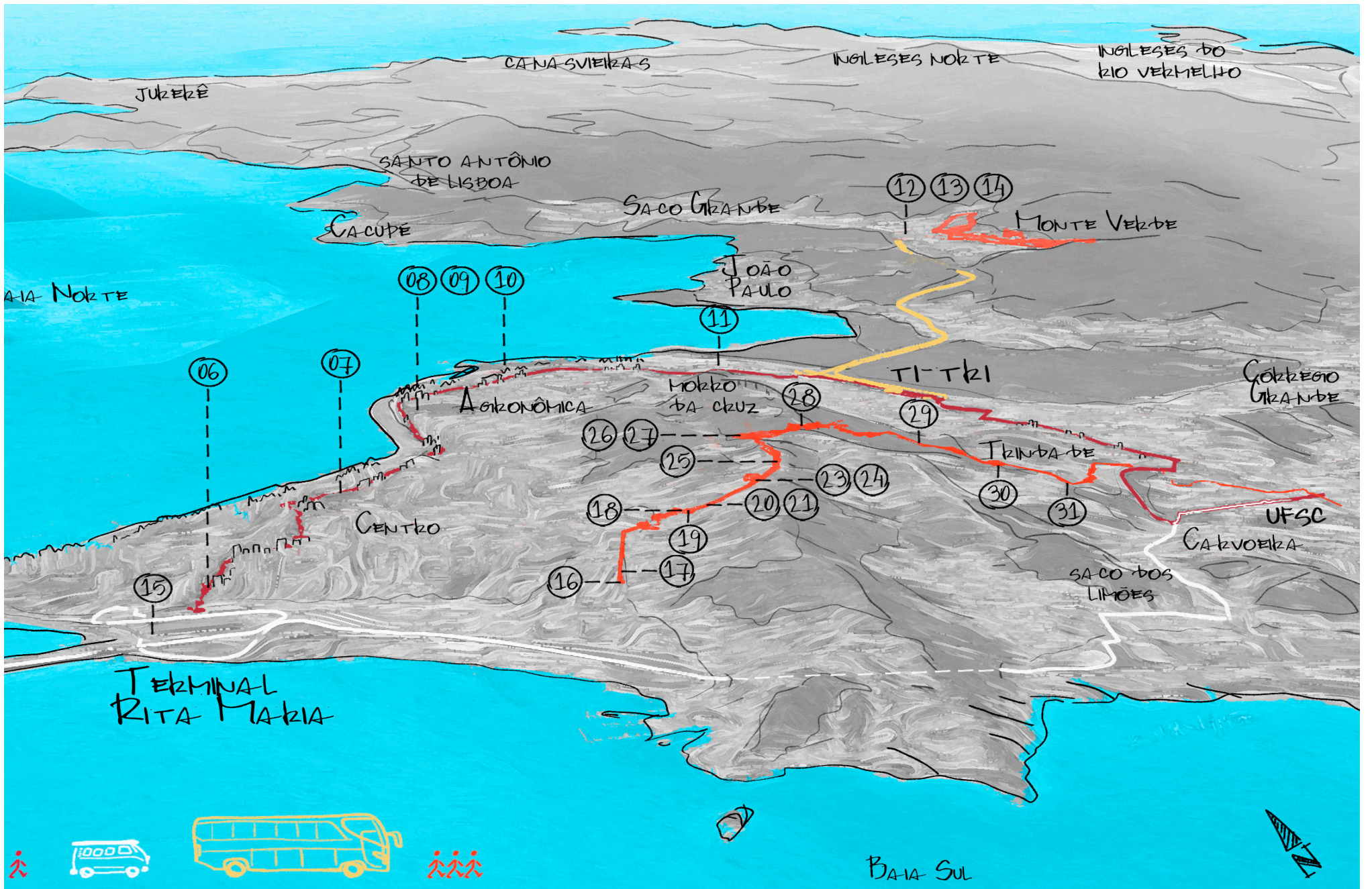


Muitos alunos da disciplina de Percepção e Representação da Cidade, Paisagem e Território vem de outras cidades para terem aula no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Campus Florianópolis. Este **e-book** se inicia demonstrando o trajeto de um desses alunos, a saber: Rafael Marcos Zatta Krahl. Ele nos serve como um guia para introduzir os outros percursos que fizemos junto com os demais discentes, pelos morros da porção insular da Ilha de Santa Catarina.

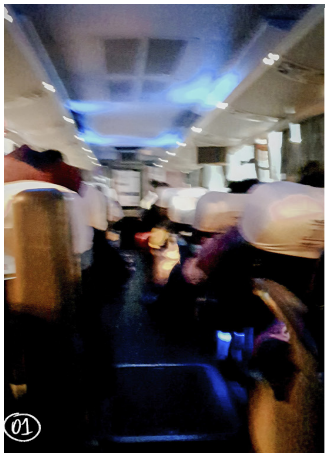
Rafael sai de madrugada de Lages, no interior do Estado, em direção à capital. Toma um transporte intermunicipal, designado

nos cartogramas acima pela linha branca, até chegar ao centro de Florianópolis.

Junto com o professor e os demais alunos da disciplina parte para o primeiro percurso. A linha vermelha designa a caminhada pelo Morro da Cruz, do Centro até a Carvoeira, um bairro ao lado da UFSC. O segundo percurso é designado pela linha amarela e vermelha; o trajeto amarelo é feito por ônibus intramunicipal, que sai do Terminal da Trindade, ao lado da UFSC, passando pelo bairro João Paulo, até chegar ao Monte Verde; desde lá rumamos a pé, subindo o morro, num caminho designado pela linha vermelha.



cartografia 1 - Rafael Marcos Zatta Krahl



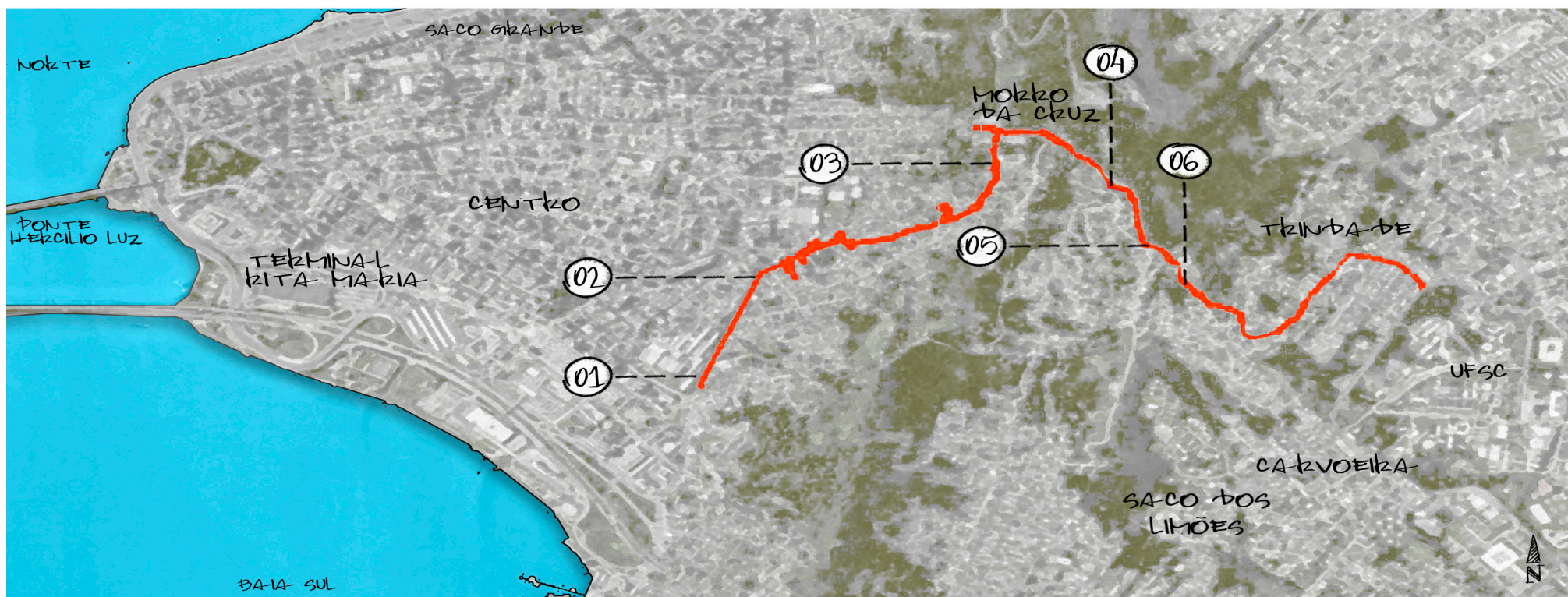




02

Lucas Rodrigo Nora

o lugar da resistência



A construção simbólica sobre a Ilha de Santa Catarina constitui-se como um sistema de representações imagéticas da realidade, que fornecem elementos para sua mercantilização turística por meio da criação de estereótipos de identificação dos lugares (BAUDRILLARD, 1981). Este processo iniciou-se no final do século XIX, quando o território citadino de Florianópolis passou por seus primeiros “melhoramentos”, apoiados pelos discursos que denunciavam os males da insalubridade e os benefícios da modernização da cidade. Processos que ganhariam mais força no contexto de reformulação das cidades ocorrido no período pós-Revolução Industrial, que promoviam a ideia de viver

próximo à natureza como um sinônimo de vida saudável e as práticas de lazer ao ar livre, como uma forma de diferenciação social (SAYÃO, 2012).

A partir do século XX Florianópolis passa a ser retratada por sua natureza paradisíaca, exuberante e pitoresca; distanciando-se dos cenários bucólicos da cultura tradicional dos pescadores, ou dos eventuais piqueniques dos moradores mais ilustres. No final desse mesmo século, a Ilha torna-se conhecida nacional e internacionalmente por suas praias, que passam a ser emolduradas por representações que remontam ao discurso de ilha paraíso presente nos relatos dos viajantes estrangeiros

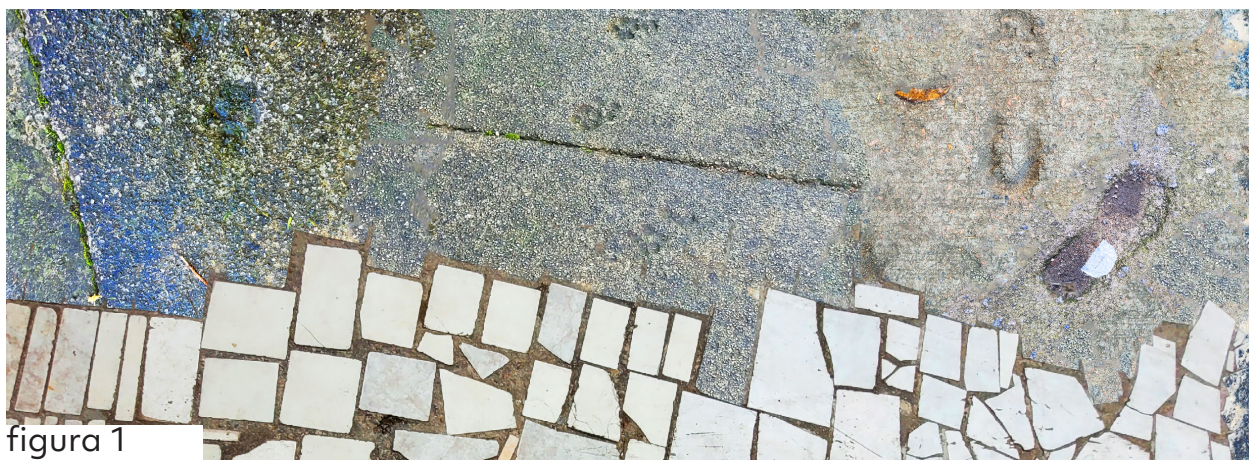


figura 1



figura 2



figura 3



figura 4

dos séculos XVIII e XIX (SAYÃO, 2012). A popularização deste discurso, cria uma realidade que supervaloriza seus mitos e signos reais, transformando-a em simulacro; que produz sentidos de acordo com os pensamentos hegemônicos do período (BAUDRILLARD, 1981).

As mudanças realizadas para criação desta imagem simulada não se restringiram apenas ao âmbito imaterial. Com o crescimento da cidade, alterações físicas passam a ser realizadas em seu núcleo fundacional e entorno, com o intuito de viabilizar seu crescimento e construir a imagem de uma cidade moderna; já que na década de 1970 era considerada uma capital desconectada

e pouco desenvolvida em comparação com as outras capitais do sul do país. As mudanças físicas ocorridas com a construção das pontes, aterros e túneis criaram um pano de fundo para o discurso modernizante que sobrepôs duas malhas urbanas distintas: aquela que se configura pelas ruas tortuosas do núcleo original; e a outra das vias longilíneas que ocuparam as áreas aterradas; se transformando em uma máscara no jogo de aparências que se consolidou pelo consumo turístico da cidade (FIORIN, 2021).

Se por um lado a produção de sentidos para a leitura da cidade como simulacro ocasionou a criação desta imagem hiper-



figura 5

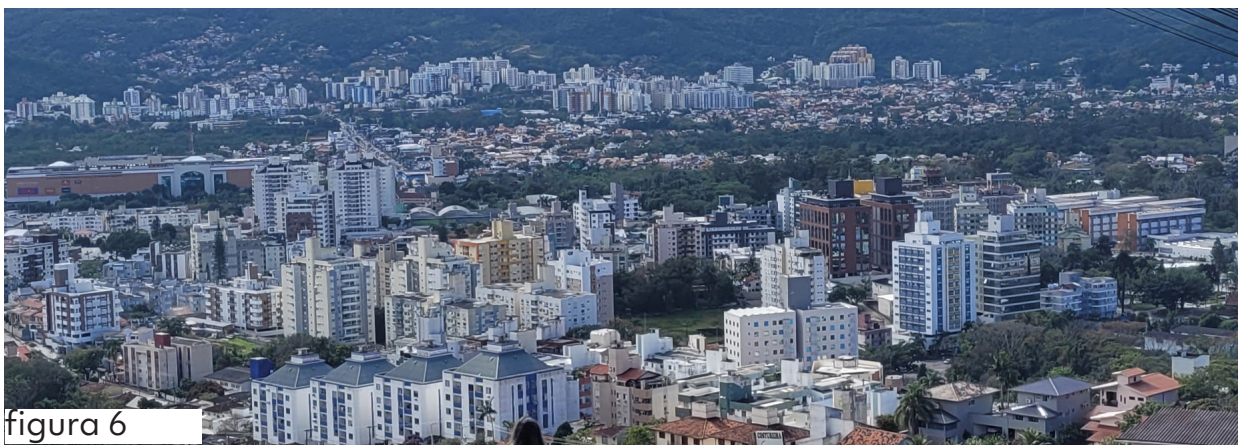


figura 6



figura 7

real, por outro, produziu problemáticas sociais semelhantes às encontradas em outros centros urbanos. Com o crescimento acelerado da cidade, a população mais pobre passa a se instalar nas áreas marginais ao centro urbano, ocasionando a ocupação dos morros em seu entorno. Áreas que apresentam-se por suas múltiplas territorialidades estéticas, fragmentos de uma cidade cuja imagem não se adapta ou não se adequa aos paradigmas vigentes de consumo conspícuo. Deste modo, a intenção deste texto é ler a cidade de outra maneira, buscando discernir a cidade real da imagem hiper-real vendida pela “Ilha da Magia”. Possibilitando apreender outras características que só podem ser

visualizadas nas áreas marginalizadas, onde a cidade ainda não foi domesticada (CARERI, 2013).

Para nós enquanto cartógrafos, as alterações físicas realizadas para criação deste cenário imagético, são de fácil inteligência; visualizamos os aterros, os túneis, as destruições e modificações funcionais das edificações históricas, entre outros. Entretanto, as mudanças imateriais não são visíveis e correm o risco de estarem carregadas por este conjunto de representações que valoram o território, dificultando sua leitura. Deste modo, é necessário nos distanciarmos da apreensão simbólica do espaço; para nos embrenharmos na busca pelos fragmentos

que constituem a apreensão real do território, de modo que possamos provocar um outro olhar, que se contrapõe ao da imagem espetacular da cidade, nos permitindo desfazer as ilusões e fetiches do mundo da mercadoria (ARANTES, 2012).

Deste modo, com o pé na rua, partimos em direção aos morros para nos afastarmos da parte baixa da cidade, território onde somos envolvidos pelas forças que provocam a expansão da imagem hiper-real.

Este exercício de subir os morros e se embrenhar nas bordas da cidade, nos permite encontrar uma outra cidade, possibilitando a intelecção da cidade em sua essência (CARERI, 2013). Nesse contexto visualizamos as fronteiras invisíveis da cidade: espaços não institucionalizados. Nossa caminhada começa justamente em uma destas barreiras, a Avenida Mauro Ramos. Ela é um divisor entre os dois extremos da região central de Florianópolis, de um lado o centro, que é produzido pelas relações capitalistas; do outro, o Morro da Cruz, presença da população mais pobre na região central. De um lado, o espaço estriado, instituído pelo sistema, do outro o liso, resistência da população excluída pelo mesmo sistema (DELEUZE; GUATARRI, 2000).

Caminhar em direção às áreas marginais da cidade, provoca nossos sentidos; não por sentimentos simples, mas por sensações que são produzidas pelo e no urbano. Não é mera apreensão sensorial instantânea. Deixamos de viver aquele espaço apenas pela sua aparência, porque a cada passo nos deparamos com informações outras, que automaticamente nos transportavam para memórias do passado: as roupas estendidas no varal, o cheiro do almoço sendo preparado, as conversas íntimas que se escutam da rua, as galinhas que ciscam pelo quintal. A cada momento, para quem permite se deixar tomar por aquele espaço, se consolidam as linhas de força que nos remetem ao sentido de lugar (TUAN, 2013). Deste modo, apreendemos uma outra Florianópolis, mais complexa, com outros cheiros, outras texturas, outros sons; densidades diferenciadas que dão novos imaginários para a cidade.

Por aquele caminho encontramos outras pessoas, outros animais e suas marcas que se espalham pelo chão, pelas paredes e pelos muros. Resquícios que não são apenas recordações daqueles que outrora caminhavam pelo Morro da Cruz em busca de um refúgio para contemplar a paisagem da cidade (SAYÃO, 2012). Mas de passos apressados que caminham diariamente em direção àquela cidade que aos poucos é engolida por sua imagem hiper-real, passos que são sobrepostos por pegadas, como um tapete de memória, cheio de significados e indeterminações não explícitas e que aos poucos foram nos afetando.

Deste modo, apresentamos um cartograma, um retrato temporário deste espaço liso na cidade, fragmentos captados durante a nossa passagem, que demonstram um pouco dessa multiplicidade; que se estende pela variedade cultural e religiosa, pelas manifestações políticas e artísticas e que se edifica pelo domínio das formas e das técnicas que constroem uma arquitetura única e expressiva.

Ao chegarmos ao topo do morro contemplamos, talvez, a paisagem mais bela de Florianópolis. Do Morro da Cruz se enxerga tudo: o continente, o sul, o norte, o leste, o céu e o mar. Magníficos cenários que foram excluídos da imagem turística por não atenderem aos requisitos da construção simbólica, que ao mesmo tempo que determina áreas a serem valorizadas, exclui outras que guardam a história dos marginais. Se a parte baixa da cidade nos faz acreditar que alcançar o ponto mais alto é sinônimo de poder, do alto do Morro da Cruz os papéis se invertem, nem mesmo do apartamento mais alto, ou mais caro de Florianópolis é possível ver aquela paisagem (ARANTES, 2012). É a verdadeira imagem da cidade em oposição à sua construção hiper-real.

Do Morro da Cruz vemos a cidade real com todas suas rupturas. Aspectos que nos convidam a olhar outros espaços que ainda subsistem. Ao final de nossa caminhada, retornamos à cidade tomada pela hiper-realidade. Entretanto, por sorte, fora dos

cartões postais, o Morro da Cruz é quem nos recepciona ao chegarmos à ilha, sempre visível, nos lembrando das densidades diferenciadas de uma cidade que resiste e possui uma poderosa capacidade de nos fazer refletir.



ABAIXA
O
FAROL

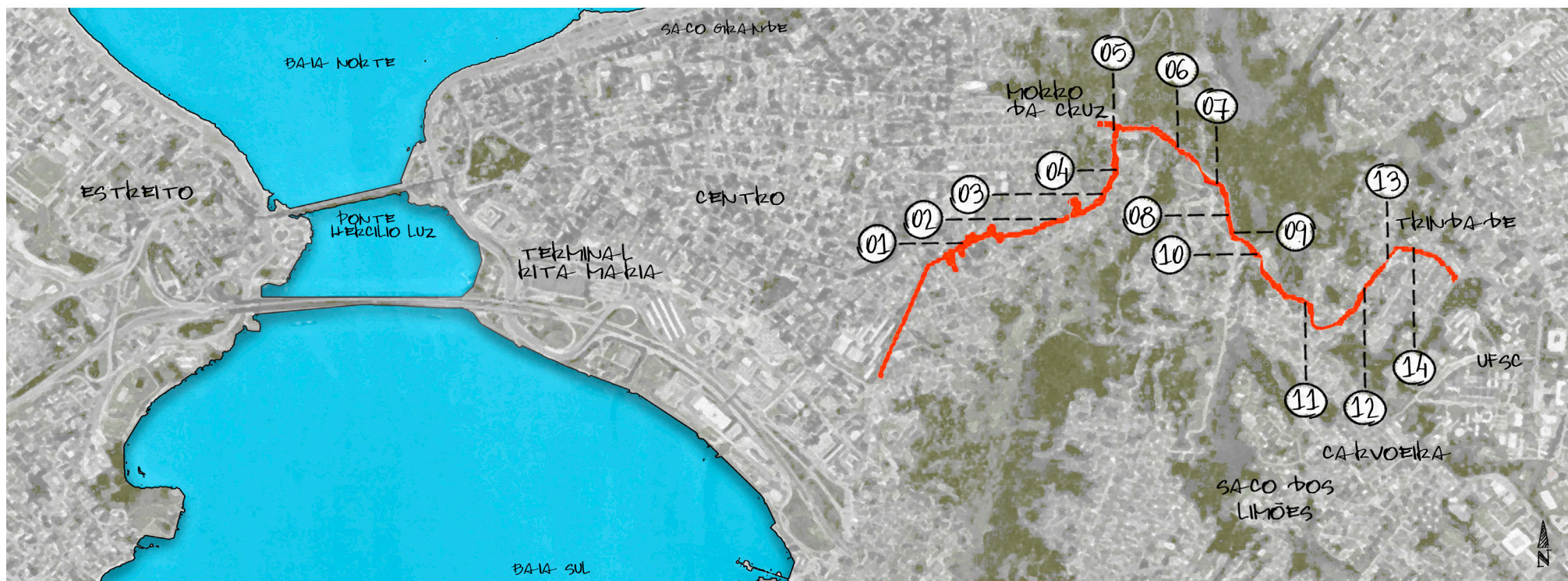
“Cada pessoa que aparece na sua vida
é uma nova vida para sua pessoa”



03

Ernestina Rita Engel
Clerdine Luberisse

o walkscape do morro



Nosso trajeto aconteceu no dia 24 de agosto de 2022, durante o período da manhã, com distância aproximada de 5km. Partimos do centro de Florianópolis, em direção ao Morro da Cruz. O roteiro foi sendo descoberto ao longo do caminho, perpassando pela ocupação urbana existente. Como ponto final, chegamos ao campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As relações entre as edificações residenciais (privadas) e a rua (espaço livre público) são distintas ao longo do trajeto percorrido. No início, nota-se o predomínio de áreas comerciais. À medida em que adentramos o Morro da Cruz, o uso das edificações torna-se residencial, apesar de existirem usos pontuais de comércio,

serviços e espaços públicos: como a Praça Monte Serrat. À medida em que a caminhada continuou, a relação entre espaço público e privado foi sendo alterada, trazendo diferentes apropriações, como: algumas flores na calçada e roupas no varal diretamente voltadas para a rua. Existem alguns equipamentos de uso coletivo, os quais notamos grande utilização. São conjuntos de alternativas pensados para atender as necessidades individuais e comuns. Apresentamos aqui algumas imagens deste trajeto e uma espécie de “Walkscape” como nos ensina Careri (2013) por entre as ruelas do Morro da Cruz no centro da cidade de Florianópolis em Santa Catarina.



figura 1



figura 2



figura 3



figura 4



figura 5



figura 6



figura 7



figura 8



figura 9



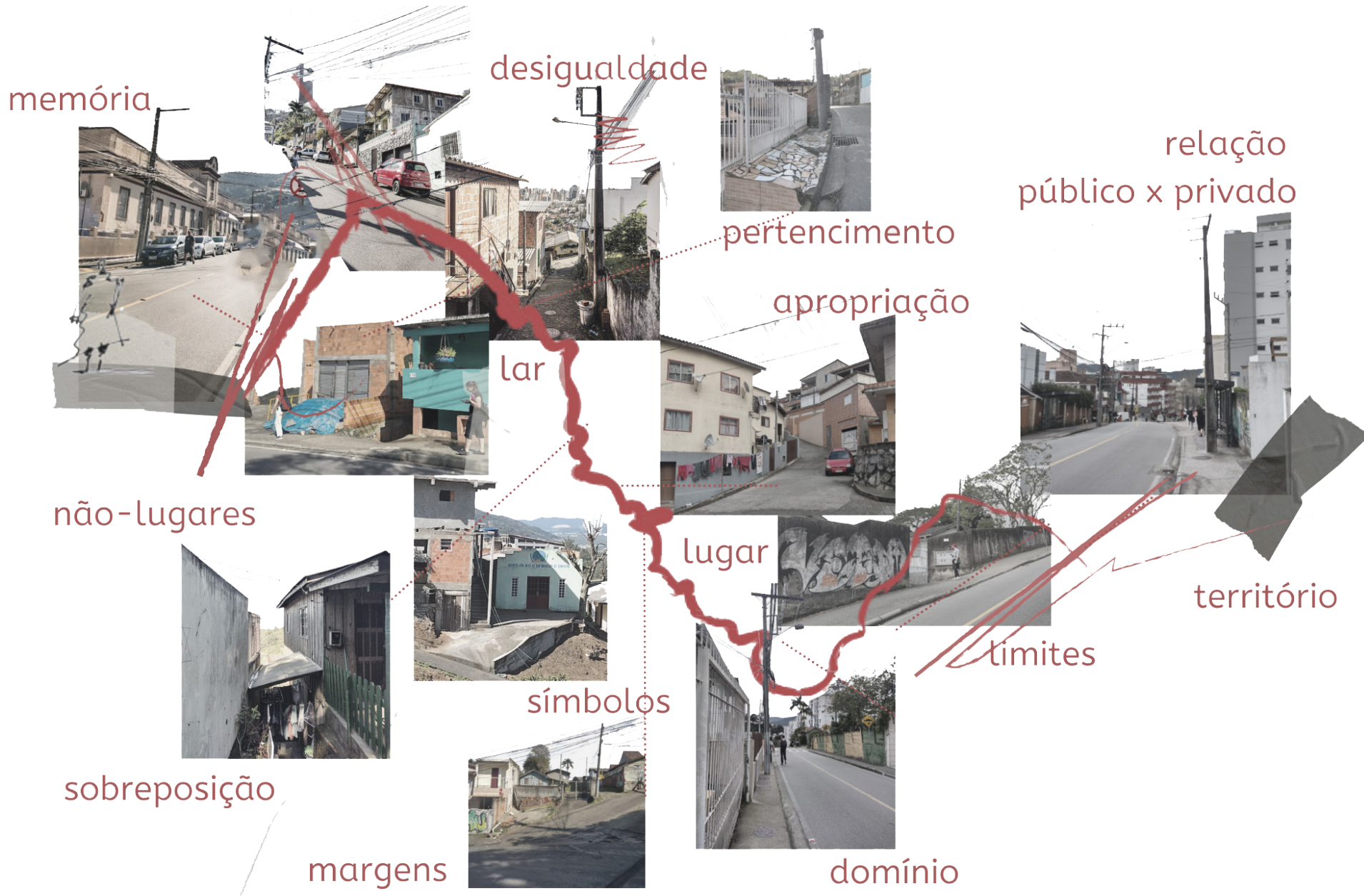
figura 10

figura 11

figura 12

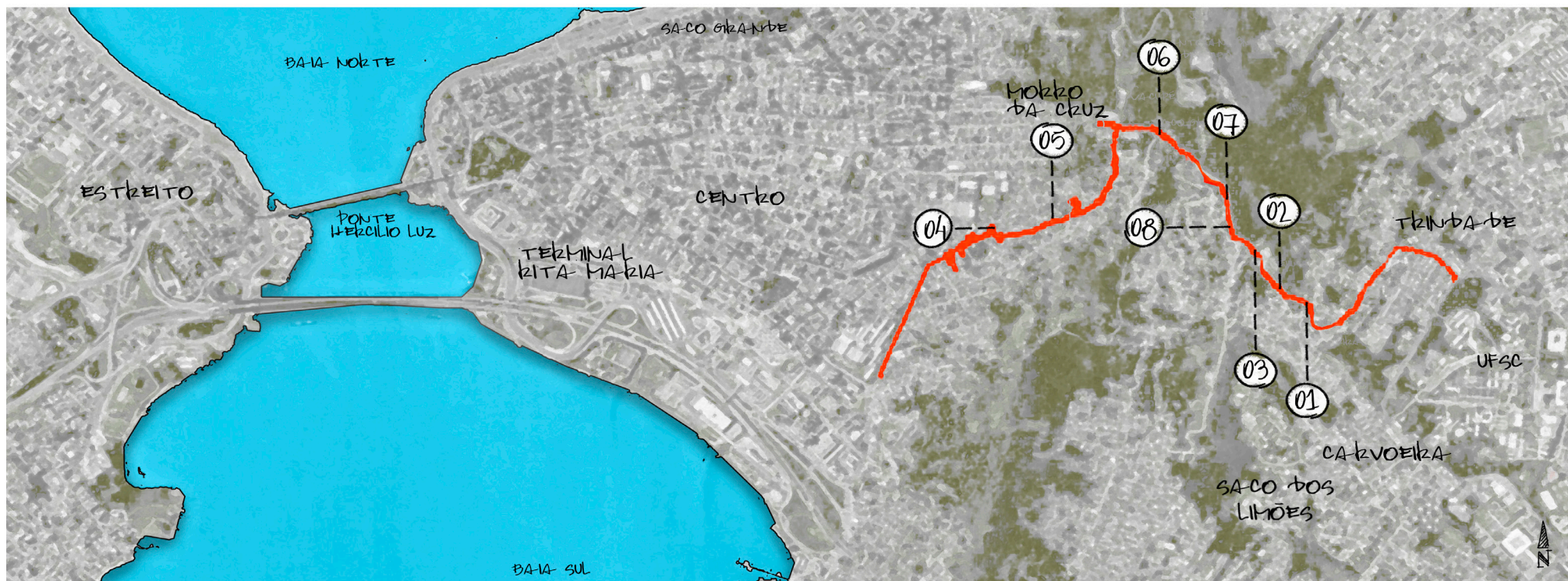
figura 13

figura 14





a prática estética do caminhar na comunidade



Francesco Careri (2017) define a cidade como uma possibilidade de interpretação do espaço pela arquitetura, a qual também é responsável por organizá-lo. Além disso, o autor considera a caminhada uma maneira de encontrar a arte na cidade. Os espaços da cidade escondem as suas peculiaridades, entretanto, a escolha do Morro da Cruz aconteceu devido à possibilidade de encontro de originalidades a serem exploradas. Careri (2013) expõe ainda que andar na América Latina representa enfrentar diversos medos: da cidade, do espaço público, de infringir as normas, de se apropriar do espaço, de ultrapassar as barreiras e de potenciais inimigos. O início da caminhada acontece no centro de Florianópolis, onde ainda é possível observar grandes

prédios e movimentação de veículos. Conforme a subida ao morro acontece, as construções precárias tomam o espaço, a vegetação toma conta da estrada como se fosse seu próprio território e o vazio torna-se protagonista da paisagem. Os vazios dão as costas para a cidade, ao mesmo tempo em que também são habitados. Esses espaços vazios determinam a civilização no seu devir inconsciente e múltiplo. Dentre os vazios, também se encontra a arte, a manifestação da habitação artística que envolve os arredores dos vazios. A caminhada por si já é uma arte, entretanto, também é possível encontrar exemplares específicos de sua estética, essa arte urbana também é uma representação do território e da paisagem.



figura 1



figura 2



figura 3



figura 4

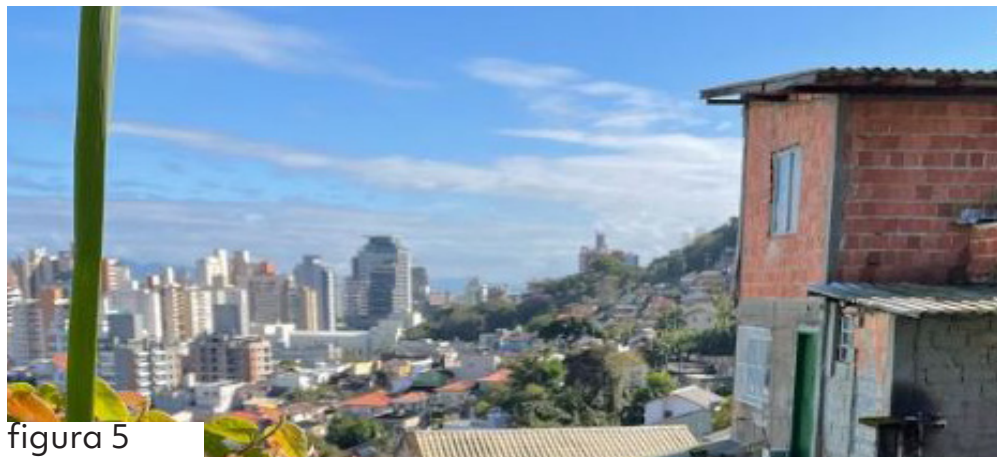


figura 5



figura 6



figura 7



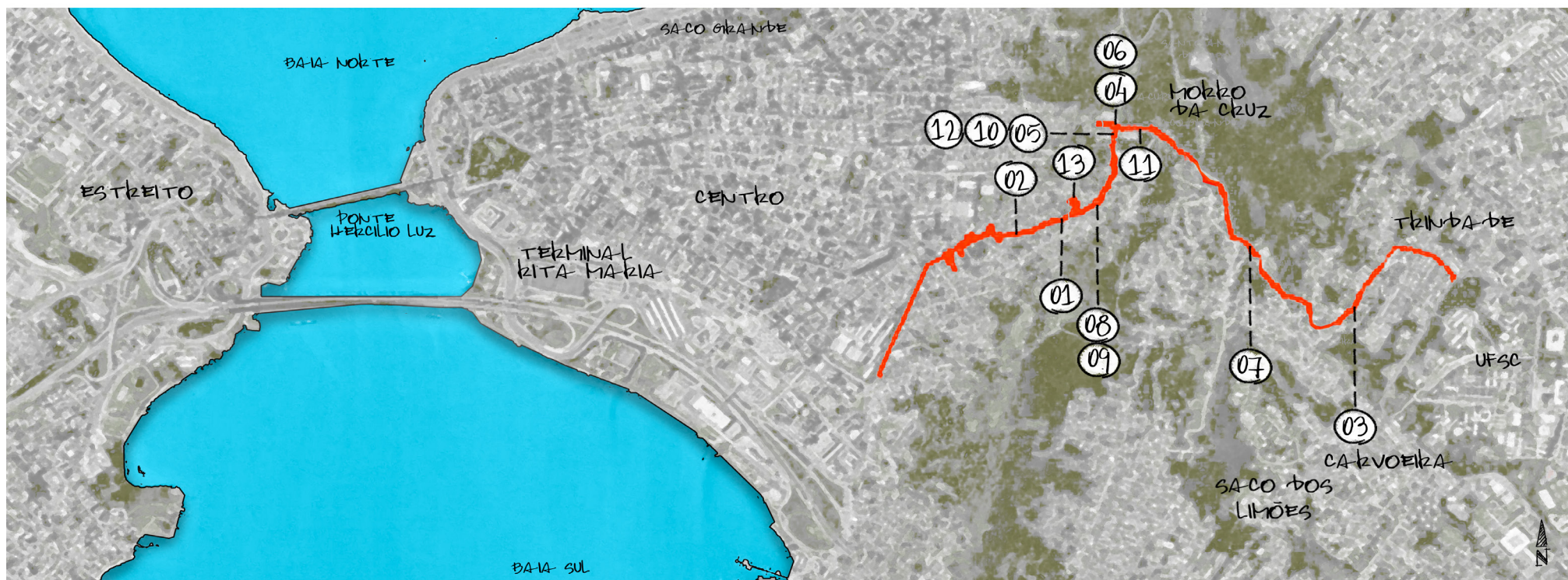
figura 8



05

Indiara Pinto Brezolin
Guilherme Costa
Jéssica Caroline Rodrigues

o grafite como manifestação política



Os valores culturais e os hábitos de consumo sociais produzem novas formas de concepção do espaço, revelando cidades cada vez mais uniformes - o que, em termos de experiência urbana, tem resultado na homogeneização ou "pasteurização" dos espaços (SÁNCHEZ, 2010). O andar a pé (THOUREAU, 2003) desvela um novo lugar, pelos movimentos dos passos e, onde, o caminho passa a ser forma de propiciar descoberta para um encontro com os "outros" (FIORIN, 2020). Assim, a prática do caminhar como instrumento cognitivo se contrapõe aos códigos estéticos dominantes, construindo novas possibilidades de apropriação dos espaços urbanos.

Ao subir no Morro da Cruz fomos acometidos pelas cores e expressões destacadas em paredes e murais. Logo, a arte urbana se manifesta politicamente no espaço, dando voz aos diversos grupos sociais marginalizados, concebe uma imagem que é própria do território, expressiva por si só e múltipla, a qual subverte as imagens homogêneas da cidade. Nestas condições, o caminhar traz consigo a surpresa, de um sentido espacial que faz ver a cidade pelos seus interstícios, se revela como zonas de resistência com as suas próprias temporalidades (FIORIN, 2021).



figura 1



figura 2



figura 3



figura 4



figura 5



figura 6



figura 7



figura 8



figura 9



figura 10



figura 11



figura 12



figura 13



06

Andréia Grandi

o sentido comunitário



A comunidade da Serrinha, como também é conhecida, foi se construindo sozinha para se adequar aos espaços e às necessidades de seus moradores. A arquitetura expressa a criatividade e habilidade manual, sendo resultado do possível, feito a partir da necessidade e não do desejo. “A civilização contemporânea construiu-se espontaneamente, para se auto representar, independente das teorias dos arquitetos e dos urbanistas, podendo ser, por isso mesmo, considerada o resultado de um processo natural” (CARERI, 2017, p. 18).

Ouvimos diferentes sons, alguns de equipamentos eletrônicos, outros de animais domésticos, de crianças brincando, todos os

ruídos se misturam e se confundem pela proximidade, a falta de privacidade das moradias pode gerar inúmeros conflitos, mas também interações positivas. As pessoas do morro se cumprimentam e possuem um senso de comunidade que não é tão comum de encontrarmos nos centros urbanos.

Outro exemplo de parceria que encontramos é o cultivo de hortas. Elas têm grande importância para os moradores, estimulam o interesse e a preocupação das pessoas quanto à responsabilidade sustentável. Além de melhorar ambientes, promovem integração, e oferecem acesso a alimentos saudáveis e frescos para todas as pessoas.



figura 1



figura 2

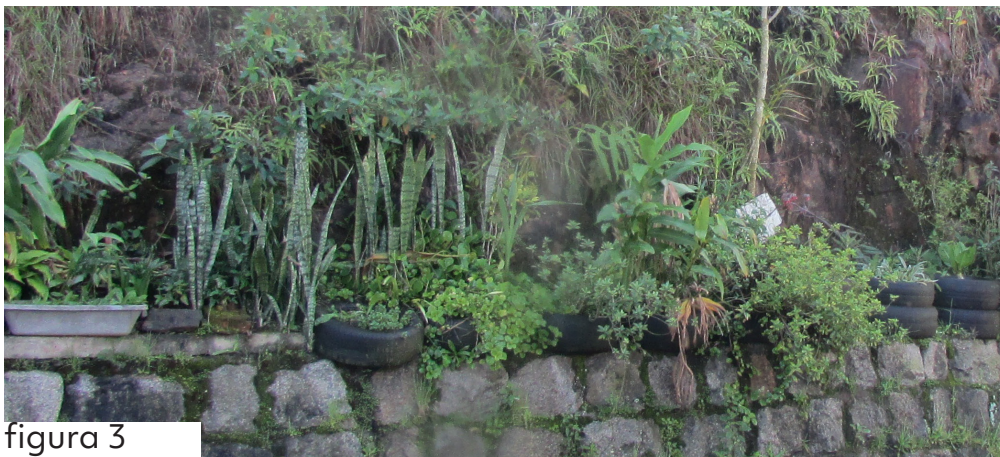


figura 3



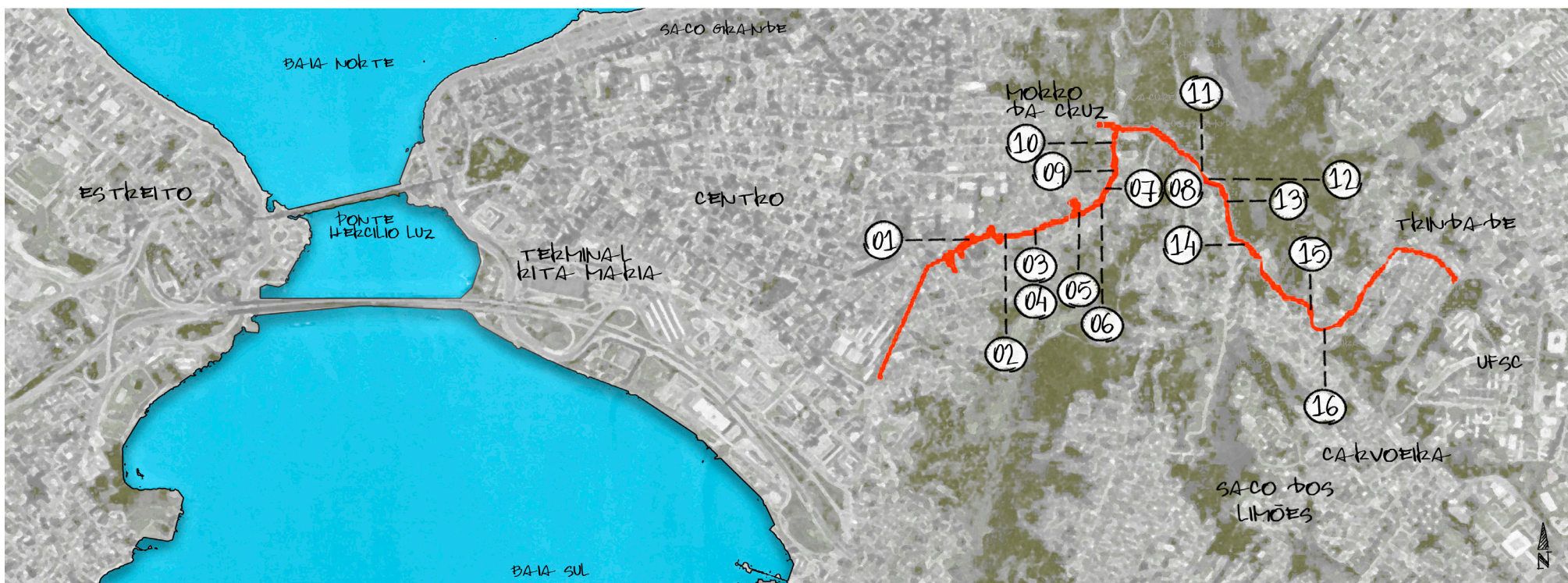
figura 4



figura 5

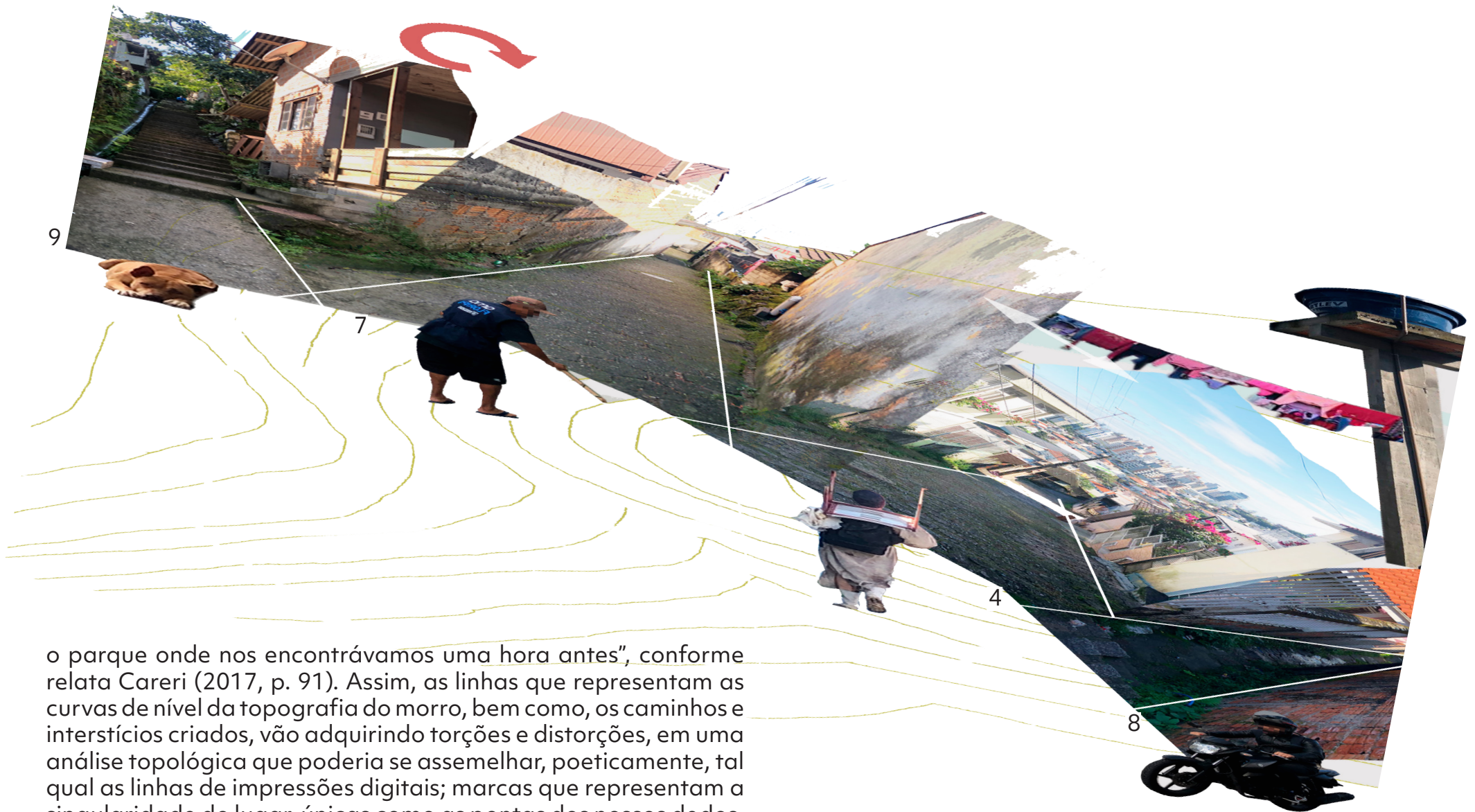


a topologia da favela



Espaços, caminhos, escadas e entremeios. A vida flui através de ruelas peonais criadas de forma estratégica para conectar espaços e passagens. Assim vamos permeando o morro, conhecendo e reconhecendo lugares, dentre as várias possibilidades de percurso. De acordo com Fiorin (2020, p. 40), "(...) devemos nos deixar levar pelos interstícios da cidade (...)". A sinuosidade dos interstícios leva a lugares únicos, dotados de vida e identidade. Em nosso trajeto observamos inúmeras representações. Sabendo que homem e meio estabelecem uma relação dialética, essas representações vão sendo criadas como forma de locução dos que ali habitam (FERRARA, 1993).

A comunicação livre por meio de anúncios, sinalizações e arte de rua são, portanto, formas de ocupar o espaço. Nesse contexto, a topografia do morro é um fator relevante. Sua sinuosidade influencia no traçado dos caminhos e nos visuais - ângulos que permitem ou não a visibilidade - e inclusive no tempo, acelerando e desacelerando os percursos. A desaceleração pode, até mesmo, originar paradas, momento em que se criam novas sensações, captando elementos que não poderiam ser percebidos em movimento. "De repente, eis o labirinto. Em descida, ao longo de escadinhas que passam apertadas entre as casas e das quais dá para ver, ao longe,



o parque onde nos encontrávamos uma hora antes”, conforme relata Careri (2017, p. 91). Assim, as linhas que representam as curvas de nível da topografia do morro, bem como, os caminhos e interstícios criados, vão adquirindo torções e distorções, em uma análise topológica que poderia se assemelhar, poeticamente, tal qual as linhas de impressões digitais; marcas que representam a singularidade do lugar, únicas como as pontas dos nossos dedos.

cartografia 4A - Bianca Carolina Pedrolo Henicka



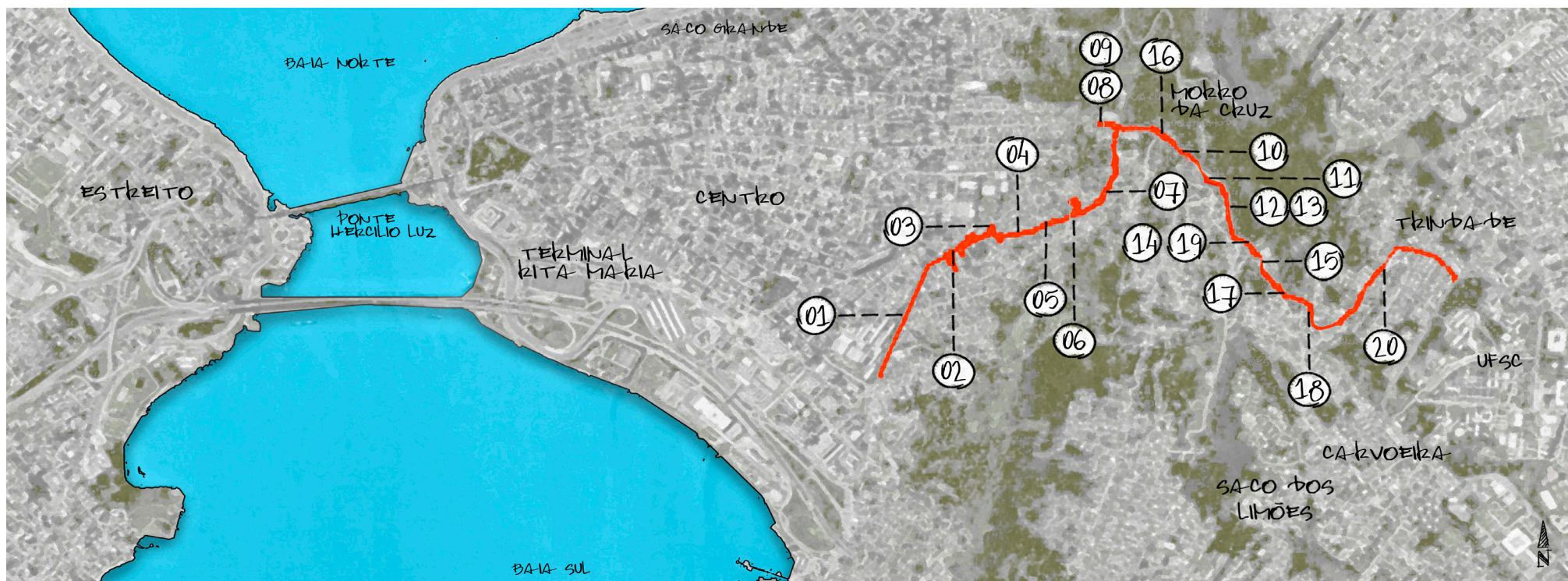
cartografia 4B - Bianca Carolina Pedrolo Henicka



08

Igor Lombardi

a caixa d'água e a fiação elétrica



A imagem da favela poderia ser lida como um estereótipo de “campo de concentração” ou de “prisão de segurança mínima” (GUATTARI, 1996). Estas cidades dentro da cidade, se por um lado materializam problemas de ordem cultural, econômica e social, também são lugares de contraposição ao urbanismo legal. Ao inverso dele, a favela constrói a sua própria legalidade. A caixa d’água plástica azul, nos barracos e o emaranhado de fiação elétrica, nos postes são algumas das marcas de uma outra realidade urbana, resultado de uma arquitetura do improviso e de uma infraestrutura da precarização. O direito ao saneamento básico e à energia são convertidos em imaginários urbanos da

resistência e resiliência de uma comunidade que luta por seu lugar no mundo, por um lugar onde o desejo possa morar (DERRIDA, 2006).



figura 1



figura 2



figura 3



figura 4



figura 5



figura 6



figura 7



figura 8



figura 9



figura 10



figura 11



figura 12



figura 13

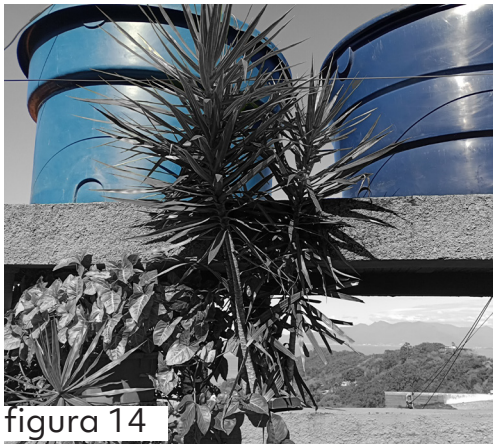


figura 14



figura 15



figura 16



figura 17



figura 18



figura 19



figura 20



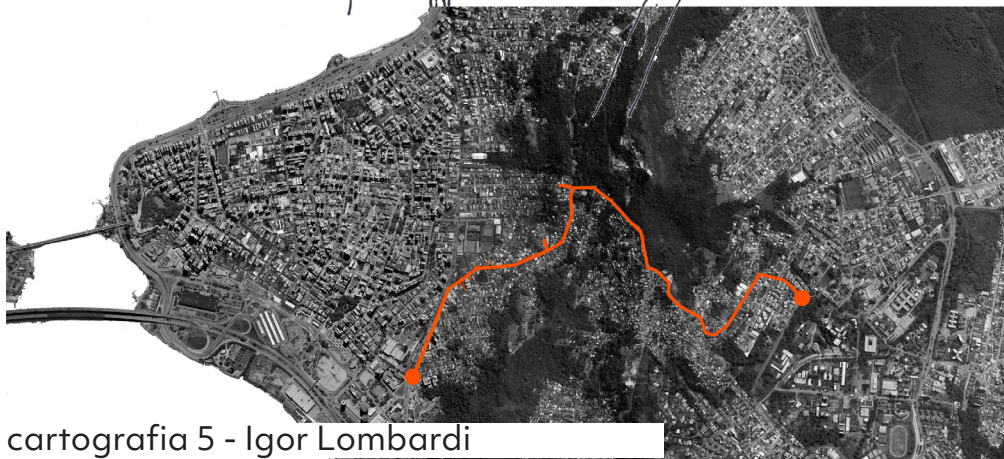
A caixa d'água

Na favela, o azul que impera não é o do céu, não é o do mar. Redonda, no alto, por todos os lados. A caixa d'água está sobre o telhado, sobre pilares ou sobre a laje. Sozinhas ou em grupos; novas e velhas. Engenhocas improvisadas as transformam em esculturas. Estas, por sua vez, enquadram visuais ou apenas se configuram como objetos aleatórios que se repetem. Por motivos óbvios, sempre no lugar mais alto; muitas vezes abastecendo 2, 3 ou 4 residências. Enquanto as torres dos prédios de luxo exibem o seu logotipo nas caixas d'água de concreto, na favela ela está sempre desnuda. Independentemente da marca (Fortlev e Bakof são as campeãs de venda), as múltiplas tonalidades de azul: azul marinho, azul piscina, azul celeste, azul desbotado constroem a paisagem do morro.



A fiação elétrica

Na favela um emaranhado de linhas pretas se sobrepõe no território. As redes levam eletricidade, ao mesmo tempo que servem de base para pássaros descansarem. O grupamento de fios atinge seu ápice no poste, de onde a energia é usurpada. De lá, o destino final é a moradia. Nesse percurso, o novelo vai se diluindo, torna-se linha.



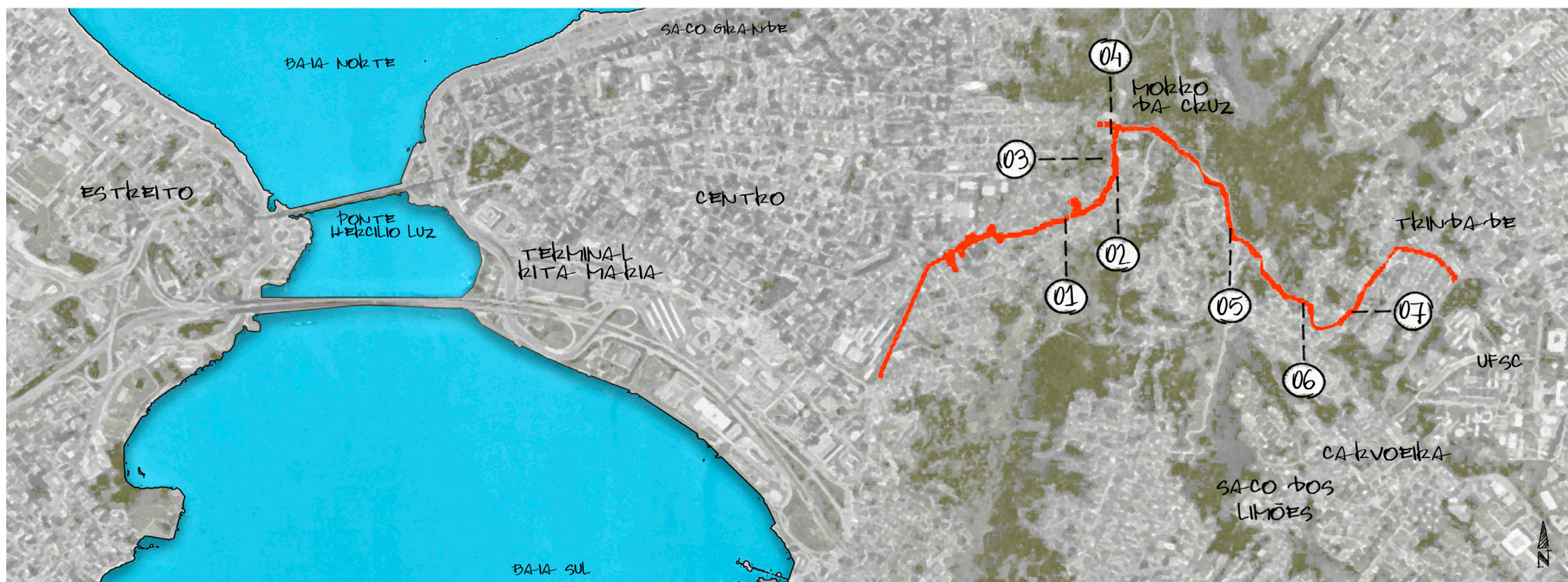
cartografia 5 - Igor Lombardi



09

Kássia Lima Zanchett

a rua como quintal de casa



Nos arredores do núcleo central de Florianópolis, nos deparamos com espaços urbanos que crescem e se multiplicam de maneira indefinida, constituindo lugares à margem, que se apresentam como espaços de realidades outras, áreas esquecidas que não se conectam à imagem usual da cidade, apesar de fervilharem de identidade, cultura, conhecimento e relações afetivas (CARERI, 2017). Ao caminharmos por estes lugares nos deparamos com diferentes situações que, ao mesmo tempo, nos distanciam daquele núcleo urbano constituído e nos aproximam de relações mais humanas. Conforme adentrarmos pelas ruas do Morro da Cruz, observamos diferentes pontos comerciais, vestígios de

relações familiares, que transformam a rua em quintal de casa. As relações criadas nesses espaços são percebidas em diferentes momentos, seja pela confiança em deixar suas roupas em varais que se estendem sobre a calçada, ou pelas crianças que brincam na rua sem supervisão; ou ainda pelas hortas que se estendem em diferentes pontos. São nestas espacialidades que apreendemos aquele espaço que se torna comum, que expressa o cotidiano das pessoas, mostra que ali há ocupação, apropriação e, principalmente, que as edificações não são dadas como encerramento e, sim, como possibilidades de relações de pertencimento entre as pessoas.



figura 1



figura 2



figura 3



figura 4



figura 5



figura 6



figura 7



10

Simone Borges de Campos
Rachel Lopes Fernandes Fonseca
Djonathan Freitas

a transcaieira é o atalho



O “morro da caixa”, como é comumente conhecido pelos moradores de Florianópolis, ou Comunidade Monte Serrat, faz parte do complexo do Maciço do Morro da Cruz, na região central da capital catarinense. Seu posicionamento geográfico em relação aos bairros: Centro e Trindade, faz com que a rua que corta sua conformação assuma um sentido de atalho. Ela é denominada como Transcaieira. Nossa caminhada por esse recorte no terreno acidentado é desvendada pelos passos que saem fora desse rumo. As ruas estreitas que desembocam nesse caminho, onde a calçada vira jardim nos fazem perambular por outras veredas. Uma casa de cor contrastante, uma rua tortuosa,

um varal de roupas; uma encruzilhada. Ponto de inflexão no meio do caminho. Decidimos subir, ao invés de descer. No morro, o atalho é um convite para o descaminho: uma deriva que não tem fim (DEBORD, 1958).



figura 1



figura 2



figura 3



figura 4



cartografia 6 - Rachel Fernandes Lopes Fonseca



Trafegar ao meio



Áreas de afetos

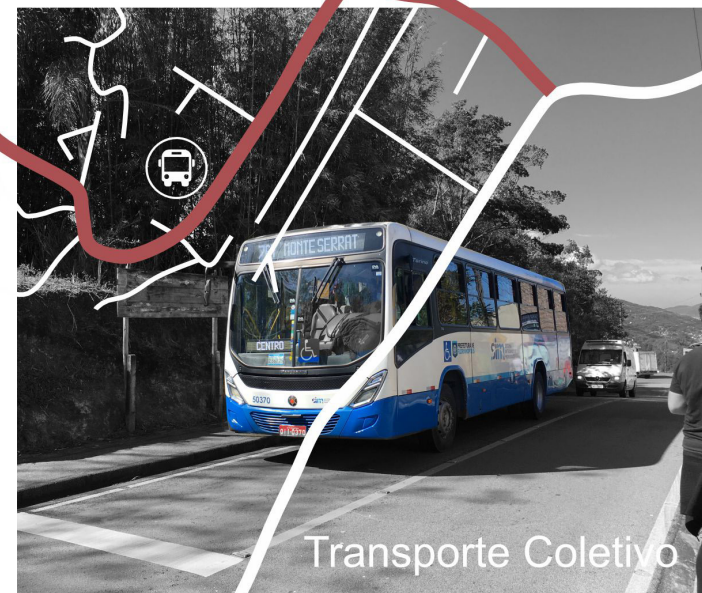
R. TRANS CAIEIRA



Ponto de encontros



Olhar o Outro



Transporte Coletivo



a cidade-colagem na urbanização à margem

à guisa de introdução¹

A vida urbana se dá entre a realidade e a emergência. A apreensão, percepção e representação urbana são processos de tradução desta realidade, a partir de possibilidades individuais. Envolve linguagens e abstração.

Estamos diante de uma questão de método. Um método marxista, que parte da compreensão da realidade a partir da divisão social do trabalho, as contradições do capitalismo e dos conflitos sociais urbanos; uma abordagem estruturalista. Por outro lado, temos a arquitetura como ciência aberta, que não quer se determinar. Vê no território nômade a sua desterritorialização. Buscamos esta realidade rizomática, os espaços lisos, desterritorializados, habitados parcialmente pelo indivíduo nômade. O outro.

Como não somos mais nômades, talvez possamos evocar a condição do flâneur, do neo-flâneur. Essa figura do flâneur, dos séculos passados, ainda que se oponha a uma posição Dândi, mantém sua atitude blasé sobre a realidade urbana. Como flâneur, tomados por uma racionalidade, viemos constantemente nos pondo a viajar. Contudo, nossa viagem de arquitetos tem nos condicionado como viajantes turistas. Vivemos “experenciando” “ousadas” realidades urbanas, onde nós arquitetos, na nossa abstração-racional que nos é peculiar, até que somos tomados de processos de intelecção e entendimentos das subjetivações. Porém, somos insuficientes.

A necessária abstração da realidade envolve acessar as zonas autônomas temporárias. Temos que assumir nossa condição de estrangeiros. Nossa capacidade e nosso saber-fazer, limitadas que são, nos condiciona a necessariamente nos colocarmos, no máximo, como neo-blasé, neo-flâneur.

Reconheçamos esta condição.

Isto, ao menos, nos aproxima do marginal, da marginalidade. Tomados do que é estranho, como estrangeiros, reside uma potência, em potencial.

Neste exercício, como estrangeiros nômades, percorremos e atravessamos as bordas, às margens. Experimentamos a transdução urbana, de uma realidade à outra. Assim estamos desafiados a acessar às zonas autônomas temporárias, do pensamento e do espaço urbano. Desejamos vislumbrar estágios de transformação. Estágios vazios em um arquipélago de realidades cruas.

O espaço do devir.

algumas referências

Vivemos a ilusão de uma sociedade a-espacial (SOJA, 1993), que coloca o âmbito urbano na realidade de um não-lugar. Passamos de uma sociedade baseada nas relações de proximidade, para uma sociedade em que se apoia em grupos de interesses comuns, dispersos através do espaço (Webber, 1964). Isto é ideologia (CHAUÍ, 2001). Oculta a realidade, espacial.

Para Deleuze e Guattari, em Mil Platôs vol 5. (2000), interessam os agenciamentos, processos que operam em zonas de descodificação dos meios, extraíndo para si um território. O agenciamento distingue o conteúdo e a expressão. Todo agenciamento é territorial. O território é feito de fragmentos, descodificados de todo tipo, que adquirem um valor de “propriedade”.

1 “à guisa de introdução” é uma expressão recorrente em trabalhos da e sobre a arquitetura modernista. Tomo aqui emprestado, sob uma perspectiva crítica, colocando o campo disciplinar da arquitetura ao centro, em contexto teórico-prático reflexivo, subjetivo e contemporaneamente possível. Esta seção está tomada de expressões que mereceriam uma referência precisa aos autores centrais. São notas tomadas ao longo da disciplina.

Paola Jacques (2012) fez um “elogio aos errantes”, os quais veem a cidade como um terreno de experiências, de desestabilização da realidade. A experiência urbana é um processo complexo, um jogo entre a diferença e a semelhança. Na realidade, “vivemos cotidianamente o estranho como familiar, e o exótico como cotidiano”. Para acessar esta outra realidade, necessário observar a etnografia surrealista, as figuras humanas dos marginais, frequentadores da rua e os noturnos, que agem com “sensibilidade etnográfica” ou “postura antropológica”. Vivem à sua maneira, singular, a cidade pelo estranhamento e fugacidade. Só a antropofagia nos une. Como homens antropofágicos, nos despimos dos nossos tabus, como homens nus (em referência

à obra de Flavio de Carvalho). Estaremos em um delirium ambulatorium, como Moacir dos Anjos (2012) definiu o trabalho de Oiticica pelas ruas do RJ. Um “delírio concreto” que se faz no confronto atento com as coisas prosaicas que compõem a cidade, que engendram situações criativas.

Os errantes ambulantes buscam os espaços lisos residuais das cidades.

Percorremos o tecido urbano. O espaço liso?

Deleuze e Guattari (2000) dialeticamente caracterizam o tecido e o feltro. O feltro como um produto sólido-flexível. Um emaranhado de fios entre-cruzados, que não é de modo algum homogêneo. É liso. Em oposição ao tecido, que literalmente na

A cidade cresce, a centralidade se expande.

A implosão dos centros urbanos ocorre sobre a margem.

Se sucede a invasão,
do centro sobre a periferia.

A continuidade avança sobre as
descontinuidades,
a expulsão

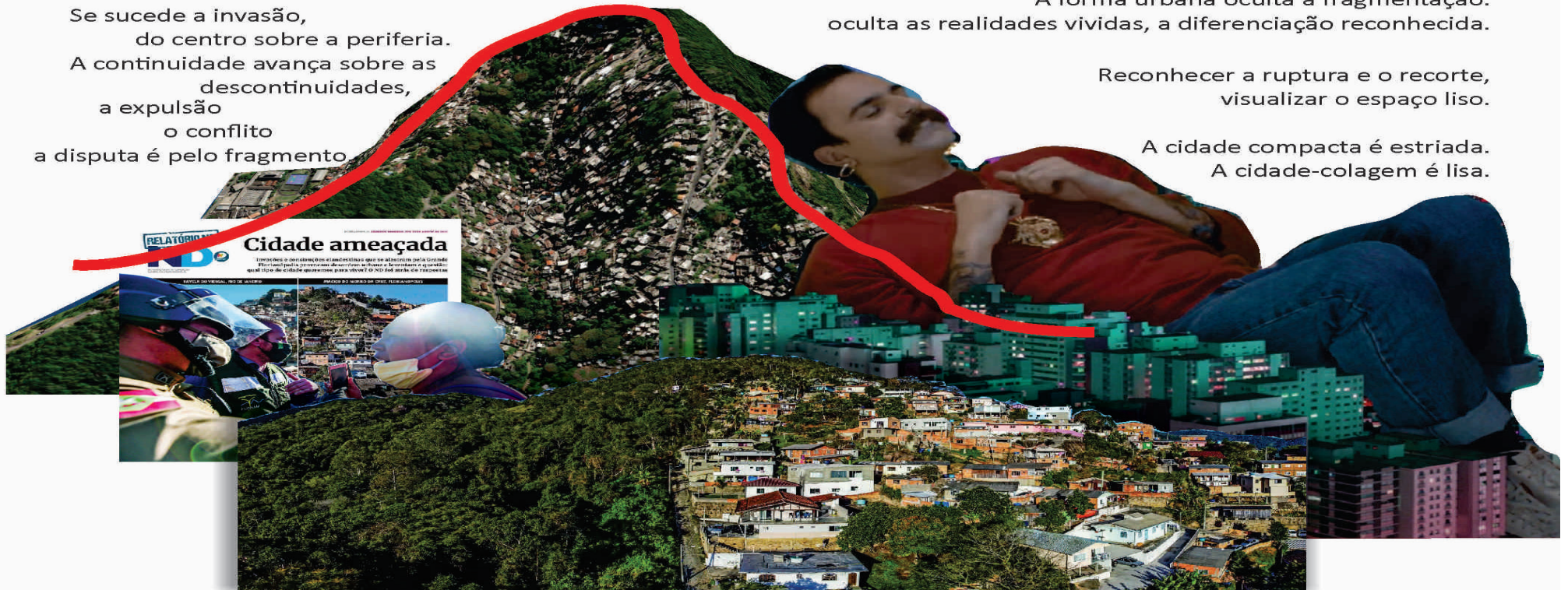
o conflito

a disputa é pelo fragmento

A forma urbana oculta a fragmentação.
oculta as realidades vividas, a diferenciação reconhecida.

Reconhecer a ruptura e o recorte,
visualizar o espaço liso.

A cidade compacta é estriada.
A cidade-colagem é lisa.



cartografia 8A - Otávio Martins Peres

tecelagem é a trama regular, estriado.
A estamparia sobre o tecido é meramente uma pintura, uma
maquiagem formal ao tecido estriado.

cidade-colagem e o espaço liso

A Cidade-colagem é tomada como estímulo ao diálogo entre
programa e contexto; forma ideal e configuração do sítio; objeto
específico e efeito de conjunto. A cidade-colagem contém vários
tipos, à semelhança que um museu contém exposições. O que os
articula é o suporte.

O que caracteriza as cidades, não é a variedade e especificidade
dos tipos, mas as suas relações (PEPONIS, 1992).

Na cidade-colagem contemporânea, ainda que tenhamos
uma sociedade reconhecidamente segmentada, a disposição
dispersa dos fragmentos observa relações; de proximidade (em
oposição ao distanciamento); de desigualdade (em oposição
a uma ilusão de continuidade). Torna nítida as relações
fundamentalmente que ocorrem no espaço, sobre o espaço e
pelo espaço. A cidade-colagem, destaca, salienta os limites e
as cesuras do espaço estriado.

A cidade-colagem é o espaço liso.

O que define o novo, é o outro.

O tradicional protege o novo, do outro.

O outro condiciona o novo.

O outro rompe o tradicional.

e o tradicional impedirá o novo,
tudo culpa do outro.

**o tradicional, o outro e o novo;
o centro, a serrinha e o campus.
o espaço liso; a cidade-colagem.**

Percorremos um caminho, contínuo.

Do centro, pela serrinha, ao novo.

O caminho contínuo nos leva ao novo,
não nos coloca no lugar do outro.

Sobre o espaço liso,

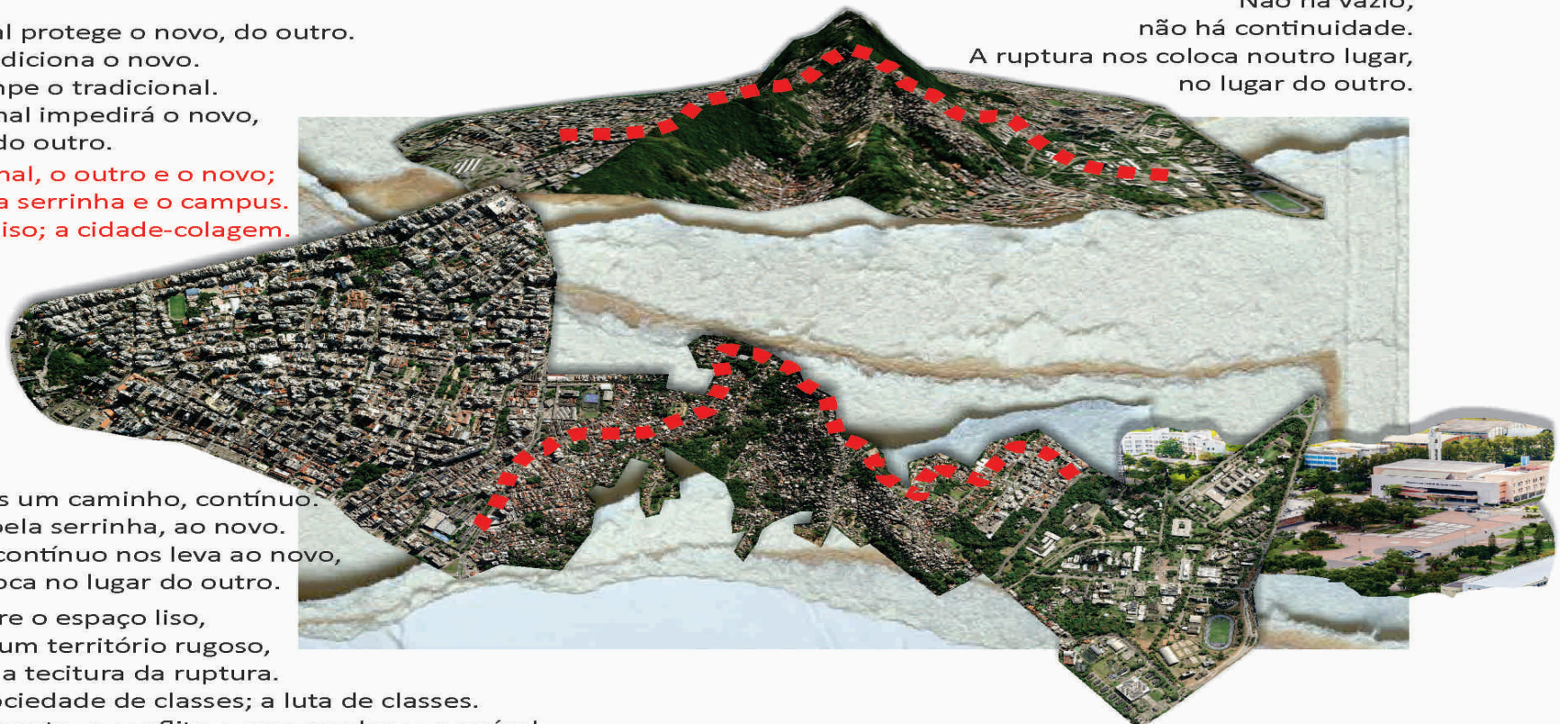
em um território rugoso,

sob a tecitura da ruptura.

A sociedade de classes; a luta de classes.

A disputa, o conflito e uma mudança possível.

Não há vazio;
não há continuidade.
A ruptura nos coloca noutro lugar,
no lugar do outro.



cartografia 8B - Otávio Martins Peres

Fuão (2011) reconstitui a “Collage como trajetória amorosa”, a relação entre o fragmento e o conjunto, a partir do corte e da colagem. Na colagem, invariavelmente partimos das imagens, que têm o propósito de representar o mundo, artificial, mas de fato são constituintes de fragmentos. Ao contrário da nossa intuição, não é a cola que faz a colagem. É a tesoura.

O (re)corte inscreve diferença à vida, ao corpo, à figura da imagem. Não somente arranca o fragmento, mas também deixa o vazio. Suspende, paralisa e inaugura uma nova etapa. Temporariamente provoca um abismo, da descontinuidade e do distanciamento entre corpos. Liberta os fragmentos das figuras. É a abertura que denuncia.

Temos o hábito de restituir as imagens fragmentarias de modo completo, da perfeição. Tendemos a ver a imagem na íntegra, a partir dos fragmentos. Os fragmentos aguçam a imaginação. Podem ser, simultaneamente, independentes e dependentes do todo. A colagem é a ação de aproximação destas figuras, fragmentadas.

A colagem é oposição à expressão do tecido e da tela. A pintura na tela é ilusão da imagem continuísta, do denso, do compacto. A colagem é um jogo de relações, justaposições, aproximações utópicas através do rasgo. Aproxima realidades distintas; de horizontes ideologicamente recortados. Quando colados, integram o espaço liso, mantendo o testemunho das sobreposições.

A colagem se dá a partir de trajetória amorosa (FUÃO, 2011), que explicita o conflito.

Afinal, o amor é repleto de conflitos.

Vivemos, assim, entre o recorte e o recortado. O estrangeiro e o outro.
Abre-se uma possibilidade de mudança, mediante a ruptura.
Retornemos ao liso. Não ao eterno retorno, onde tudo é cíclico e estriado.
Sejamos estrangeiros nômades. Tomados pela diferença (não a indiferença).
Nos colocamos no lugar do outro. Porém, ainda seremos insuficientes.

“Quero dobrar o mapa, por nossas fronteiras frente-a-frente”
(trecho da música Piquete, de Rodrigo Alarcon)



12

Ruth Kipper Aguilar

os passos para o desvio

Passos para o desvio trata-se da representação gráfica da existência-experiência-vivência de um corpo, o meu corpo, numa determinada relação espaço-temporal. Essa prática experimental, decorrente da atividade proposta na disciplina de Percepção e Representação da Cidade, Paisagem e Território, teve como premissa uma caminhada aberta no bairro Monte Verde, em Florianópolis. Entendi essa caminhada aberta como uma errância urbana, “um tipo de experiência não planejada, desviatória dos espaços urbanos (...) um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical” (JACQUES, 2012, p.23).

Mergulhei na experiência errática, eu-corpo-errante, em busca dos vários outros, do diferente e das diferenças, de aberturas e possibilidades. Essa forma de apreender a cidade é apenas uma versão, um ponto de vista, um dos tantos modos possíveis de se olhar. Esclareço, desde já, que este é um modo próprio de entendimento, no sentido de ser particular, que se constrói a partir de uma subjetividade própria. E aponto isso não no intuito de me sobrepor a outros modos de apreensão, pelo contrário, são justamente essas sobreposições de entendimentos que precisamos para ter um vislumbre da realidade.

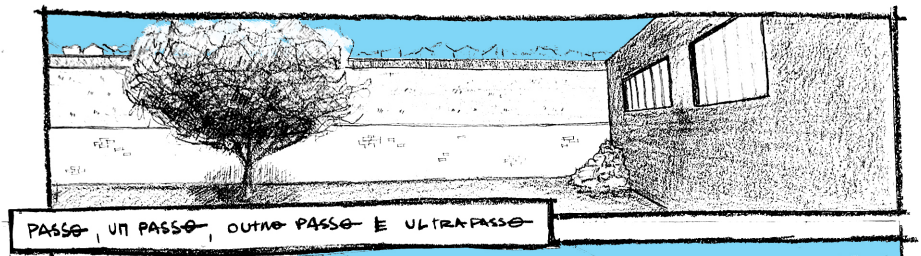
Foi assim que me lancei ao desconhecido, sem tentar provocar por meio do choque ou de uma situação específica, mas ciente

que meu próprio corpo naquele espaço já era uma intervenção. Fui caminhando e me propus a ser no espaço, atravessando as fronteiras urbanas visíveis-invisíveis e físicas-subjetivas. O espaço deve ser entendido, aqui, como o desdobramento do corpo e de suas ações.

O corpo não está no espaço, embora o espaço seja condição existencial do corpo, o corpo é no espaço¹. Convido-os, então, para acompanhar a minha experiência através dos traços traçados abaixo, que retratam um compilado de apreensões, as minhas impressões de caminhante errante, daquele espaço que se transformava a cada passo. Lá tem fragmentos que coletei com o meu corpo de significações. O espaço documentado por meio de fragmentos efêmeros é uma leitura que se faz desde dentro. É uma leitura que se constrói na coleta de coisas que constituem parte de um sentido e que constituem parte de um outro. Nessa coleta de fragmentos abre-se a possibilidade de construir uma narrativa feita às margens. Uma narrativa marginal. Nomeei como passos para o desvio, pois todo o espaço determinado implica a burla, a resistência, o desvio. E foi assim, de corpo aberto, que caminhei entre o determinado e o desvio, entre o liso e o estriado², isto é, caminhei precisamente no entre.

1 Compartilho da noção de corpo de Merleau-Ponty (2018, p.205), em A fenomenologia da Percepção: “A experiência revela sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo. Ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço”.

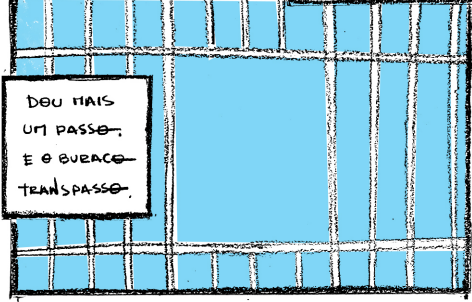
2 Para Deleuze e Guattari (2000), o espaço estriado é organizado por uma função ou articulação sistematizadora, anunciador da ordem e do controle, determinando o que deveria ser e, assim, impossibilitando possibilidades do que poderia ser. Em contraposição, o espaço liso é o espaço sem determinação, que está aberto às possibilidades e sensibilidades, que revela-se para o caos, para o desvio, para o nomadismo e ao devir. Um espaço não existe sem a existência do outro, esses espaços só existem coexistindo, ou seja, “os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.180).



PASSO, UM PASSO, OUTRO PASSO E ULTRAPASSO



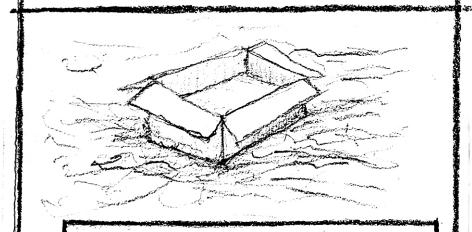
ACHE O BASTÃO, UM TRACÇO, SIGO PELA GRAMMA LA PASSADA



DEU MAIS UM PASSO, E O BURACO TRANSPASSO.



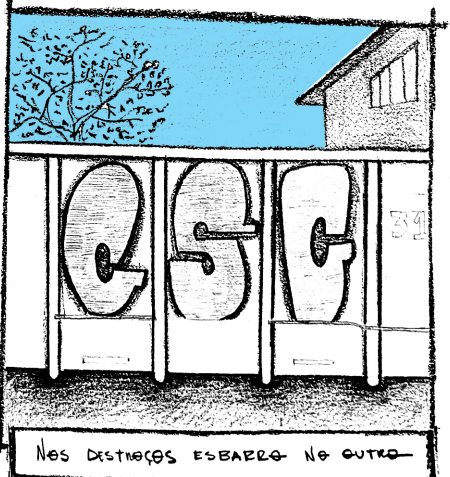
TRO-PEÇO EN QUEN LA ESTEVE ALI



CUIDADO! DIZ A CAIXA ENQUANTO PASSO



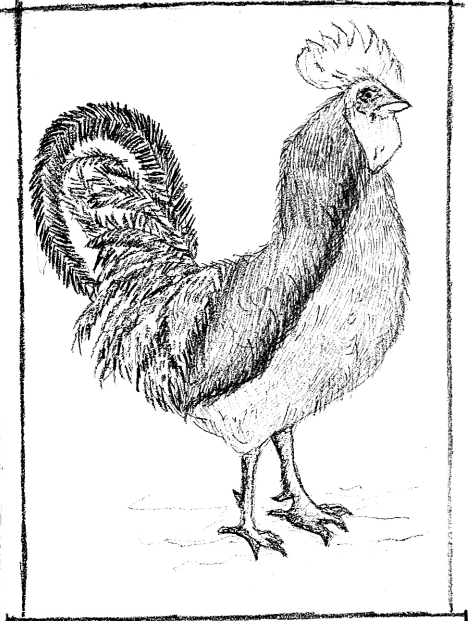
ENTÃO LINDO UM COPO ESQUECIDO



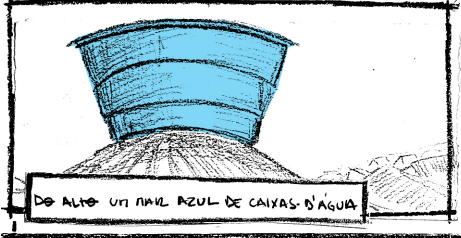
NES DISTINÇÕES ESBARRA NO OUTRO



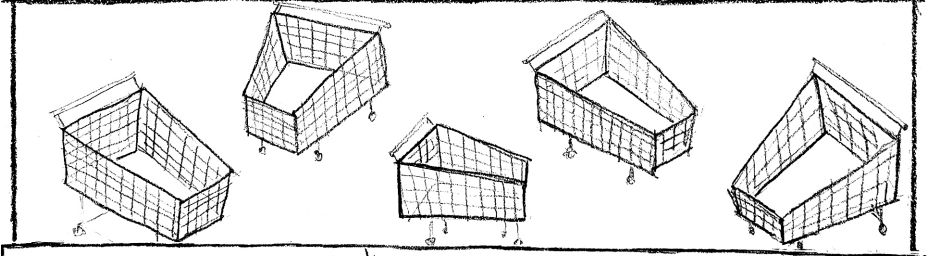
SIGO DANDO MEUS PASSOS EM CARINHOS ESTREITOS



NES CANTOS ENCONTRO VÁRIOS CANTOS



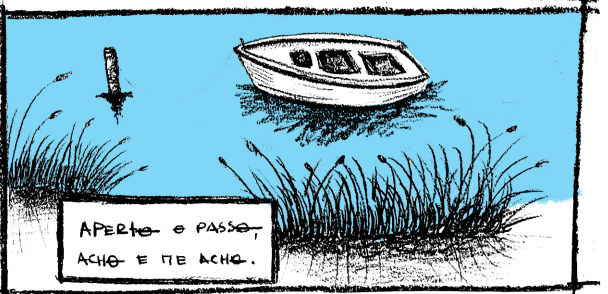
DE ALTO UM NAVIL AZUL DE CAIXAS D'ÁGUA



A CADA PASSO PASSO POR UM CARINHO DE SUPERMERCADO PARADO NO ÚLTIMO PASSO DADO



PASSANDO LA' EMBAIXO VELO AS FIPAS LA' NO ALTO



APERTO O PASSO, ACHO E ME ACHO.

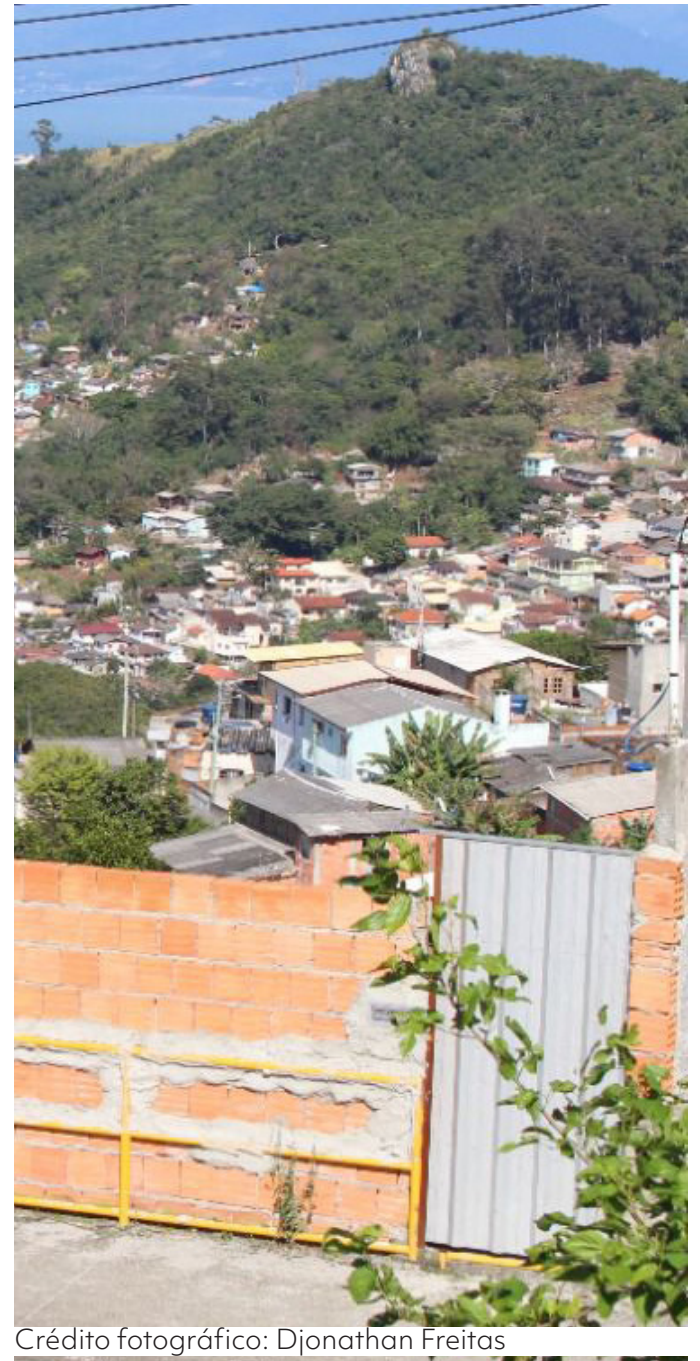


referências

- ARANTES, O. B. F. **Ruínas do Futuro**: a era das formas urbanas extremas. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://sentimentodadialetica.org/dialetica/catalog/book/135>. Acesso em: 02 dez. 2022.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Roda d'água, 1991.
- CARERI, F. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CARERI, F. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DÉBORD, G. Teoria da Deriva. **Revista Internacional Situacionista**, 1958.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. São Paulo: 34, 2000.
- DERRIDA, J. Uma arquitetura onde o desejo pode morar. In: NESBITT, K. (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 166-172.
- DOS ANJOS, M. As ruas e as bobagens: anotações sobre o delirium ambulatorium de Hélio Oiticica. **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 22-41, 2012. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2012.64418. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/64418>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- FERRARA, L. D. **Olhar Periférico**: Informação, linguagem, Percepção Ambiental. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1993.
- FIORIN, E. **Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos**: processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos. Tupã: ANAP, 2020. Disponível em: <https://www.estantedaanap.org/product-page/caminhar-como-estrangeiro-em-terras-de-descobrimientos>. Acesso em: 25 out. 2022.
- FIORIN, E. Florianópolis: debaixo da ponte, em cima do morro e no muro da rua: entre grafites e lugares à margem | Florianópolis: under the bridge, over the hill and on the wall: among graffiti and marginal places. **Oculum Ensaios**, [S. l.], v. 18, p. 1–20, 2021. DOI: 10.24220/2318-0919v18e2021a4807. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4807>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- FOUCAULT, M. **De Outros Espaços**. Architecture, Movement, Continuité. Paris, 1984.
- FUÃO, F. F. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- GUATTARI, F. A Restauração da Paisagem Urbana. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, Rio de Janeiro, pp. 293-300, 1996. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8917>. Acesso em: 25 out. 2022.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf. Acesso em: 25 out. 2022.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- PEPONIS, J. Espaço, Cultura e Desenho Urbano no modernismo tardio e além dele. **Revista AU**, n. 41, p. 78–83, 1992.
- SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades**: para um mercado mundial. 2ª. ed. Chapecó: Argos, 2010.
- SAYÃO, T. J. **(Re)tratos Insulares**: visões das paisagens da Ilha de Santa Catarina. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- THOREAU, H. D. **Andar a pé**. Rio de Janeiro: Ebooksbrasil, 2003. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/andarape.html>. Acesso em: 25 out. 2022.
- TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. 1ª. ed. Londrina: Edel, 2013.
- WEBBER, M. M. The Urban Place and the Nonplace Urban Realm. In: WEBBER, M. M. **Explorations into Urban Structure**. Filadélfia: University Of Pennsylvania Press, 1964. p. 79-153. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.9783/9781512808063-005/html>. Chicago. Acesso em: 15 out. 2022.



bonus trekking



Crédito fotográfico: Djonathan Freitas

Caminhar e habitar como disparadores do processo de criação artística

Do meu caminhar e habitar um determinado espaço, surgem as experiências e as impressões que desencadeiam movimentos processuais de criação, no meu caso, movimentos processuais de criações artísticas em Artes Visuais.

Refiro-me aqui a caminhadas recorrentes no espaço geográfico entre a orla marítima e a faixa de areia que delinea uma parte da Ilha de Florianópolis na localização específica do Pontal da Daniela, dentro da Reserva Ecológica dos Carijós. Temos ali um estuário (Fig.1 e 2), uma área de mangue que resiste as ações desbravadoras dos gananciosos seres humanos que visam lucros imobiliários, onde o rio Ratoes verte suas águas ao mar e onde a vida se renova ininterruptamente.

A leitura do livro *A menor das ecologias* de Ana Godoy (2008), bem como do livro *Esferas da insurreição* de Suely Rolnik (2018) suscitaram o que, talvez, possa denominar-se micro insurreições, despertando a mim, um outro olhar para a vida, acionando outros pontos de vista, indicando a necessidade de movimentos contínuos, de chamar a atenção, provocar ruídos naquilo que é concebido como normal, reavivando minha percepção sobre as coisas, a importância do convívio com a natureza, com as suas manifestações e, principalmente, trazendo a conscientização.

Isso pode parecer óbvio, no entanto, quando estamos caminhando e habitando um espaço, a Ponta da Daniela, por exemplo, a realidade à nossa volta se oferece para uma espécie de diálogo experimental que vai, pouco a pouco, revelando seus mínimos detalhes, nos fazendo perceber aquilo que num trajeto objetivo com ponto de partida e de chegada não encontramos, sequer notamos. Dar-se tempo num espaço,



figura 1



figura 2

deixar-se envolver por ele e caminhar com os olhos atentos e dispostos a um encontro faz toda a diferença, descortina-se um mundo de detalhes provocadores à imaginação. “Existe naquele lugar um espaço para fazermos habitar também nossas subjetividades, nossas sensações e percepções de um mundo que acontece.” (FAVERO, 2015)

Junto a beleza da paisagem e com o “caminhar espaciando” (CARERI, 2017, p.216) passe-se a observar com mais atenção o que acontece naquele lugar, os detalhes que formam a beleza dele, mas também, a degradação causada pelos seres humanos, os objetos descartados na praia, desde os pequenos palitos de pirulitos e tampinhas de garrafas ou sacolas plásticas, até partes de colchões de espuma entre tantos outros objetos vindos, também, com o movimento da maré. (Fig.3)

Os objetos tomando lugar das coisas, as coisas reagindo e assumindo novamente seus lugares (Fig. 4), num movimento para muitos imperceptível, a força da natureza se mostrando em sua totalidade, reincorporando espaços seus por origem e razão de ser. Lembrando Milton Santos, “No princípio tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam a ser objetos” (SANTOS, 2006, p.41).

Godoy (2008) propõe um outro modo de agir diante do mundo, uma ecologia outra, por ela denominada “menor” que se desprende do conservadorismo que ela relaciona a ecologia maior, a que estabelece um ponto de partida e um ponto de chegada e ainda determina por onde seguir caminhando. Ela propõe uma ecologia como um material de invenção, de variação, de pensamento e vida em constante devir sem “garantias de modelo”. Propõe que a arte provoque fissuras para que “as espécies, os gêneros e os lugares” tenham seus contornos desfeitos



figura 3



figura 4

para que linhas vivas se constituam, “fluxos e modos de expressão” propiciem existências singulares que não são permitidas na ecologia maior. Ela diz ainda que “a arte é capaz de inventar conexões onde estas não existem; ela transborda modelos e desorganiza a função do contorno, fluidifica as figuras, transformando-os em linhas soltas cujos movimentos, numa variação contínua, não delimitam um terreno.” (GODOY, 2008, p.85-86)

O processo de caminhar como meio de encontro com um modo diferente de habitar um espaço, de encontrar-me com seus próprios devaneios, perspectivas de vida e de arte dissolvendo fronteiras.

Pisar ali sobre a areia não é, simplesmente, pisar sobre a areia, é sentir que a vida e a morte estão presentes naquela paisagem. Qualquer lugar onde pouso meu olhar, em qualquer ponto em que coloco meus pés, vem a impressão de estar machucando algum ser. Percebo o pulsar de vida nos pequenos buracos abertos no leito vazio, onde o lodo parece arfar e, embora quase seco, mantém seres minúsculos fortalecendo-se para enfrentarem a própria vida. No borbulhar do lodo, ouço estalidos, um misto de tons, de odores, de formas produzindo a sensação de plena integração. Para completar a descrição, aves e pequenos pássaros interagem ali, mas, com a minha aproximação, voam, e, com o voo deles, percebo a imensidão do espaço, o poder da luz do sol (FAVERO, 2015).

Passo a passo com os pensamentos, a imersão durante as caminhadas acontece de tal modo que ideias surgem descontroladamente, assim possibilitando relações entre o visto (Fig.5 e 6) e o pensado e vice-versa.

O processo criativo sendo acionado.

Ao atelier de gravura, levo comigo as ideias coletadas durante as caminhadas e traduzo algumas delas em matrizes de gravura em metal. Toda a experiência do vivido fica disponível ao uso, além do arquivo mental, registros fotográficos e muitos objetos coletados auxiliam na escolha das cores e transparências presentes nas paisagens, no formato e textura das coisas e dos objetos contidos nelas. As impressões das matrizes revelam nas estampas impressas as aproximações com o espaço geográfico vivido.

Para mergulhar no fazer também utilizo matrizes antigas (Fig. 7), retomando aquilo que já estava gravado em seus avessos, inserindo novos desenhos, gravando-os em imersão de águas-fortes e águas-tintas, formando imagens que de algum modo transparecem as referências assimiladas durante os percursos pela orla junto as imagens



figura 5

memórias retidas naquelas matrizes que há bastante tempo estavam guardadas. Esse modo de trabalhar, reutilizando matérias, é um modo de proceder que faz parte do meu processo de criação, é uma necessidade que mostra resultados inesperados, promovendo no público reações surpreendentes e indicando também o respeito pelo meio ambiente.

Profa. Dra. Sandra Correia Favero¹

¹ Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
sandrafevero@gmail.com



figura 6



figura 7

Referências bibliográficas

CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São Paulo: Gustavo Gilli, 2017.

FAVERO, Sandra Maria Correia. Estuário. 2015. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.27.2015.tde-14072015-123727.

GODOY, Ana. A menor das ecologias. São Paulo: EDUSP, 2008.

ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Figura 1

registro fotográfico referência da tese Estuário, 2015. Crédito fotográfico Sandra Correia Favero.

Figura 2

registro fotográfico referência da tese Estuário, 2015. Crédito fotográfico Sandra Correia Favero.

Figura 3

registro fotográfico referência da tese Estuário, 2015. Crédito fotográfico Sandra Correia Favero.

Figura 4

registro fotográfico referência da tese Estuário, 2015. Crédito fotográfico Sandra Correia Favero.

Figura 5

registro fotográfico referência da tese Estuário, 2015. Crédito fotográfico Sandra Correia Favero.

Figura 6

Título: Da série Estuário, gravura em metal realizada para a tese Estuário, 2015. Dimensões: 39,3 cm x 59,8 cm. Papel: Hannemühle. Crédito fotográfico João Musa.

Figura 7

Título: Da série Estuário, gravura em metal realizada para a tese Estuário, 2015. Dimensões: 75,5 cm x 56,5 cm. Papel: Canson Edition cinza. Crédito fotográfico João Musa.



Evandro Fiorin:

Docente PósARQ/UFSC
evandro.fiorin@ufsc.br

Marina Biazotto Frascareli:

Discente Mestrado PPGARQ-FAAC/UNESP
mb.frascareli@unesp.br

Djonathan Freitas:

Discente Mestrado PósARQ/UFSC
freitas_djonathan@hotmail.com

Rafael Marcos Zatta Krahl:

Discente Mestrado PósARQ/UFSC
rafaelkrahl@gmail.com

Lucas Rodrigo Nora:

Discente Doutorado PósARQ/UFSC
arq.lucasnora@gmail.com

Kauê Marques Romão:

Discente Mestrado PósARQ/UFSC
kaue.marques@posgrad.ufsc.br

Pé na rua caminhando e cartografando na Ilha de Santa Catarina

Organizadores:

**Evandro Fiorin
Marina Biazotto Frascareli
Djonathan Freitas
Rafael Marcos Zatta Krahl
Lucas Rodrigo Nora
Kauê Marques Romão**

Editoração:

Kauê Marques Romão

Diagramação:

**Marina Biazotto Frascareli
Rafael Marcos Zatta Krahl
Kauê Marques Romão**

Revisão final do texto:

Lucas Rodrigo Nora

Formato do E-book: 21x29,7 cm

número de páginas: 90

Tipografia: Objektiv Mk1

1ª Edição: Dezembro de 2022

Coleção: Espaço, Corpo, Movimento - Volume 1



